

A hora e a vez do brasileiro do povo

Vitória de Lula é resultado das aspirações dos trabalhadores e excluídos, mas também representa o acúmulo das lutas sociais na história do Brasil



CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR

Brasil

Alta Temporada

Os melhores roteiros estão aqui!

Obs: Passagem ida/volta voando VASP, 07 noites de hospedagem com café, traslados aeroporto/hotel/aeroporto, city tour, 1 passeio e bolsa de viagem.

Os preços são por pessoa em apto duplo categoria standard, válidos para saídas 11/12/02 à 31/01/03 (exceto feriados, Natal e Reveillon).



**5 x
sem juros**

Maceió		08 dias
HOTEL PORTO DA PRAIA		
Saída de:		Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.425,00	
Brasília.....	1.423,00	
Goiânia.....	1.344,00	
Rio de Janeiro.....	1.356,00	
São Paulo.....	1.529,00	
Belém.....	1.445,00	
Recife.....	1.015,00	
São Luiz.....	1.379,00	
Salvador.....	910,00	
Manaus.....	2.008,00	

Fortaleza		08 dias
HOTEL RESIDENCIAL PRAIA		
Saída de:		Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.572,00	
Brasília.....	1.029,00	
Goiânia.....	1.419,00	
Rio de Janeiro.....	1.643,00	
São Paulo.....	1.739,00	
Belém.....	1.123,00	
Recife.....	1.029,00	
São Luiz.....	887,00	
Salvador.....	1.345,00	
Manaus.....	1.267,00	

Natal		08 dias
HOTEL BELLO MARE		
Saída de:		Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.467,00	
Brasília.....	1.639,00	
Goiânia.....	1.542,00	
Rio de Janeiro.....	1.536,00	
São Paulo.....	1.723,00	
Belém.....	1.352,00	
Recife.....	801,00	
São Luiz.....	1.242,00	
Salvador.....	1.190,00	
Manaus.....	1.936,00	

Salvador		08 dias
HOTEL SOL BAHIA ATLÂNTICO		
Saída de:		Valor R\$
Belo Horizonte.....	1.258,00	
Brasília.....	1.443,00	
Goiânia.....	1.395,00	
Rio de Janeiro.....	1.376,00	
São Paulo.....	1.631,00	
Belém.....	1.827,00	
Recife.....	1.238,00	
São Luiz.....	1.745,00	
Manaus.....	2.079,00	

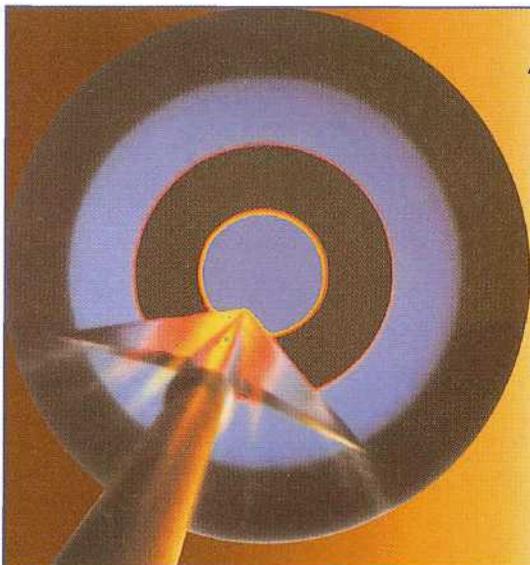


CENAETUR
Sua Viagem na Melhor Companhia

(61) 321-4460
0800 61-4050

CENAETUR - END: SHS. Q. 01 GALERIA DO HOTEL NACIONAL - LOJA 48 - Consulte nos sobre outros roteiros
Site: www.cenaetur.com.br E.mail: cenaetur@cenaetur.com.br

CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR * CENAETUR



Anuncie aqui e atinja esse mercado

AGORA

Lida por 75 mil empregados da Caixa Econômica Federal e distribuída para:

- 3.500 entidades sindicais e associativas
- 3.404 bibliotecas
- 1.500 órgãos de comunicação
- 236 organizações não-governamentais
- 120 universidades
- deputados federais, senadores governadores, assembleias legislativas e partidos políticos

Caminhos da história do Brasil

Lula, legítimo representante dos trabalhadores e classes populares, vai ocupar a Presidência da República a partir de primeiro de janeiro de 2003. A vitória do candidato do PT leva ao poder um projeto identificado com as causas dos trabalhadores e das parcelas excluídas da sociedade, mas também representa o ponto máximo, até aqui, de um processo histórico que os movimentos sociais organizados, principalmente, estabeleceram no país a partir do

fim da década de 70.

Esta edição percorre um pouco deste caminho. Traz ainda a expectativa em torno do pacto social e os números que justificam a necessidade do entendimento nacional. Na Caixa Econômica Federal, é traçado o quadro que oito anos de FHC deixaram para a empresa. A ligar estes pontos, está a perspectiva de que um novo modelo de desenvolvimento social e econômico será o motor da história nacional a partir de agora.

Plantar o trigo e refazer o pão de cada dia
Beber o vinho e renascer na luz de todo dia
(Milton Nascimento)

A Fenaé deseja que a estrela de cada um de nós continue a brilhar e traga um ano cheio de bons acontecimentos.

Boas festas e bom 2003

- 5 Projeto Travessia e Nobel, em Navegantes
- 6 Prêmio de destaque para a Fenaé Corretora
- 7 Jânio: a orgia de dinheiro mal destinado
- 8 Capa: no poder, um representante do povo
- 16 O pacto pelo país no conselho de Lula
- 21 José Pimentel: o papel dos bancos públicos
- 22 A Caixa a serviço de um projeto nacional
- 26 Fernando Nogueira: crédito para crescer
- 27 A Biblioteca Nacional e suas milhões de peças
- 30 Tárik: a nova imperatriz do trono do samba
- 31 Uma lista que protege contra a extinção
- 34 O som nativista gaúcho vindo da Califórnia
- 36 O reconhecimento olímpico dos esportes
- 38 Florestan Fernandes e a história nacional
- 39 Claudius: dinossauros eleitorais em extinção

Publicação da FENAE
Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:
Setor Comercial Sul, quadra 1,
bloco C, nº 30,
edifício Antônio Venâncio da Silva,
5º andar, Brasília/DF, CEP: 70395-900,
Telefone: (061) 323 7516
Fax: (061) 226 6402
Internet: www.fenae.org.br
Correio eletrônico: imprensa@fenae.org.br

Diretoria executiva

Presidente:
Carlos Augusto Borges
Vice-Presidente:
José Carlos Alonso Gonçalves
Diretor Administração e Finanças:
Pedro Eugênio Beneduzzi Leite
Diretor de Comunicação e Imprensa:
Antônio Bráulio de Carvalho
Diretor de Esportes:
Paulo Rocha Cunha
Diretora Cultural:
Maria Aparecida Torres Diniz de Almeida
Diretora Primeira Suplente:
Tânia Cristina Barros de Aguiar
Diretor Segundo Suplente:
Emanuel Sousa de Jesus
Diretor Terceiro Suplente:
Vaumik Ribeiro da Silva

Conselho Fiscal:

Sérgio Santos Serra
José Francisco de Assis Cavalcante Neto,
Devanir Camargo da Silva

Suplentes:

Francisca De Assis Araújo Silva
Alberi Bernardi Boiaski
Valmir Gôngora

Conselho Deliberativo Nacional:

Presidente:
Antônio Carlos de Oliveira
Vice-Presidente:
Fabiana Matheus
Secretária:
Emerenciana Barbosa do Rego

Edição e redação:

Antônio José Reis,
Evandro Peixoto e Marcio Achilles Sardi

Colaboradores:

Jânio de Freitas, Tárík de Sousa, Fernando
Nogueira da Costa e Claudius Ceccon

Design e Ilustração:

Lisarb Sena de Mello

Impressão:

Bangraf

Tiragem desta edição 75 mil exemplares

Os artigos assinados são de
responsabilidade dos seus autores. As
matérias podem ser reproduzidas, desde que
citada a fonte.

Distribuição gratuita



Esperanto

Se existe uma eterna busca por uma língua internacional, é porque os idiomas nacionais (como o francês e o inglês) que foram ou são utilizados paliativamente como tal, não foram soluções boas, justamente porque para que uma língua seja internacional a primeira premissa é que não tenha nacionalidade e não esteja ligada diretamente a nenhuma etnia.

Foram centenas de projetos de idiomas planejados já lançados e dentre todos estes projetos houve uma espécie de Seleção natural. O esperanto se mostrou como o mais apto. Os demais não possuem uma comunidade de falantes expressiva. O esperanto, ao contrário, se destaca e é hoje usado por emissoras de Rádio Internacionais como, por exemplo, a Rádio Havana de Cuba, a Rádio Áustria, a Rádio Polônia e a Rádio da China. Os congressos mundiais de esperanto são os únicos do mundo onde não se o usa o inglês e sequer intérpretes. A comunidade mundial dos falan-

tes do esperanto se comunica muito através de internet. É muito rica a cultura em esperanto, com músicas, festas, livros, revistas, provérbios etc...

Apenas o uso do esperanto não trará a paz ou a união ao mundo, mas certamente trará uma nova ordem lingüística mundial mais justa onde nenhum povo poderá se sentir privilegiado ao ter sua própria língua imposta a todos os outros. Os Titãs em sua música dizem que "miséria é miséria em qualquer canto; ninguém saber falar esperanto". Eu afirmo que a miséria no mundo poderia ser eliminada se a ONU e outros organismos internacionais não gastassem tanto dinheiro com tradução e intérpretes (uma verdadeira fortuna que poderia ser usada para combater a fome).

Na realidade, idioma é poder. Existe uma política lingüística mundial que privilegia as nações falantes do inglês. Só um idioma no momento pode quebrar este monopólio e implantar um sistema de comunicação justo e igualitário entre as diversas etnias e este idioma é o esperanto.

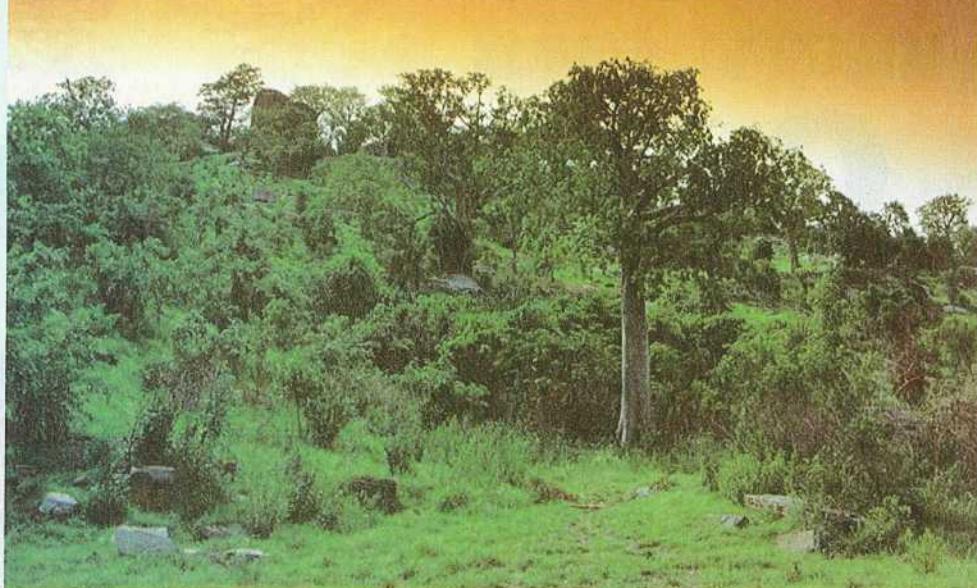
João Manoel Aguilera Júnior
Empregado aposentado da Caixa
Campinas - SP

NR: Outros comentários de esperantistas sobre a matéria podem ser encontrados na página <http://www.pontoaponto.cjb.net>, em português.

A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).

O maior prêmio

Um pouco do trabalho da Fundação Nobel, a centenária instituição sueca que concede o prêmio mais famoso do mundo, pode ser acompanhado em www.nobel.se. No endereço, estão os vencedores de 2002 em todas as categorias, a vida de Alfred Nobel e o museu virtual do prêmio. Desde 1901, são premiados os destaques mundiais em física, química, psicologia ou medicina, literatura e paz.



Floresta renovada

A página da Sociedade Brasileira de Silvicultura contém importantes estatísticas sobre o setor florestal brasileiro. A SBS é formada por empresas que assumiram o compromisso de cumprir "os princípios básicos do bom manejo florestal". Isto representa, entre outros fatores, a utilização responsável das florestas, estudos de tecnologias de preservação, promoção de campanhas de reposição florestal e incentivo ao aprimoramento da legislação florestal. A página da entidade é www.sbs.org.br.



Pela vida

Iniciativa do Grupo Pela Vida, de São Paulo, a página www.aids.gov.br é uma ferramenta de apoio na luta contra a doença. Através do endereço, é possível conhecer iniciativas comunitárias e não-governamentais que enfrentam a Aids, bem como as políticas públicas e privadas de controle do HIV/Aids no Brasil. A página ainda tem destaques de prevenção, tratamento, notícias e eventos.



Movimento indígena

Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Conselho Indigenista Missionário (www.cimi.org.br) foi uma das primeiras organizações a defender a diversidade cultural dos primeiros habitantes desta terra. A página mostra o trabalho do Cimi e também os princípios que norteiam a ação do conselho. "O Cimi acredita que os povos indígenas são fontes de inspiração para a revisão dos sentidos, da história, das orientações e práticas sociais, políticas e econômicas construídas até hoje", diz a página.



Travessia cidadã

O Sindicato dos Bancários de São Paulo foi um dos instituidores, em 1995, da Fundação Travessia, criada para atender crianças e adolescentes que vivem na rua na região central da capital paulista. O endereço www.travessia.org.br apresenta o trabalho desenvolvido pela organização, os projetos e programas atuais e outras informações.

Corretora Top of Business

Empresa do grupo Fenae recebe prêmio por sua destacada atuação no mercado de seguros



Divulgação

Alexandre Monteiro (diretor executivo), Carlos Borges (diretor presidente) e Marco Aurélio Batista (filial de SP)

A Fenae Corretora, empresa seguradora ligada à Fenae (Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa), recebeu em 21 de novembro o prêmio Top of Business, edição 2002, concedido às empresas e personalidades que se destacaram em seu segmento de atuação.

Esta foi a segunda edição da premiação idealizada pela Montreal Eventos, com apoio da revista *Chiques e Famosos* e do grupo Hilton. Foram 40 empresas contempladas, de diferentes ramos de atividade, em todo o país.

Após a indicação de diversas corretoras de destaque no mercado, feita pelos organizadores do evento, um júri avaliou as concor-

rentes e decidiu que a Fenae Corretora seria a agraciada. O prêmio foi entregue ao presidente da Fenae, Carlos Borges, na cerimônia realizada em São Paulo, no Hotel Hilton Morumbi.

Para o diretor Executivo Alexandre Siqueira Monteiro, a premiação da Fenae Corretora no Top of Business é a confirmação de todo o trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos últimos três anos e "indica perspectivas bastante positivas para o próximo período".

A entrega do prêmio ocorreu em grande estilo, com jantar para 300 pessoas, seguido de baile. Além de executivos e empresários homenageados, o evento

contou com a presença de personalidades e artistas e teve como mestre de cerimônia a apresentadora Olga Bongiovanni.

Fenae Corretora estende atuação por todo o país

De acordo com levantamento feito pelo jornal *Gazeta Mercantil*, em junho deste ano, a Fenae Corretora voltou a ocupar o 5º lugar no ranking das corretoras de seguros do país, entre os mais de 70 mil corretores registrados na Susep (Superintendência de Seguros Privados), órgão do Ministério da Fazenda. Fundada em 1973, com sede na cidade do Rio de Janeiro, a empresa possui oito filiais e 18 representações localizadas em diversos pontos do território nacional. Está credenciada para atuar na prestação de serviços e na comercialização das principais modalidades de seguros existentes.

A Fenae Corretora é especializada na administração de seguros patrimoniais e de seguros de benefícios pessoais. Ultrapassou a casa dos dois milhões de clientes na diversas carteiras de negócios em que opera e participa ativamente do desenvolvimento de novos produtos.

As verbas do desperdício

■ Jânio de Freitas

A quanto poderia chegar, não há como saber a priori. Mas que é imensa a massa de dinheiro que pode ser deslocada de usos injustificáveis para fins proveitosos, disso ninguém duvide.

A orgia de gastos começa na Presidência da República, passa pelo Ministério das Relações Exteriores e a maioria de suas embaixadas, envolve vários outros ministérios e seus respectivos gabinetes e procura fazer-se bem escandalosa em certas estatais.

Fernando Henrique Cardoso elevou o restaurante da Presidência à condição de melhor do país, sejam quais foram os outros que pretendam tal título. O que ganham e gastam os "chefs" contratados para fazer a mesa presidencial daria, mesmo sem contar o seu ganho com a promoção em colunas sociais e sobretudo anti-sociais, para proporcionar cestas básicas, não a milhares, mas a milhões de carentes.

Os gastos com publicidade não são menos orgiáticos. Por parte dos ministérios também, mas sobretudo o gasto de certas estatais. Segundo noticiário inglês



reproduzido no Brasil, a BR Distribuidora/Petrobras gasta US\$ 7,5 milhões com fornecimento de combustível a duas equipes de Fórmula-1. Nem consideremos o gênero de negócio que resultou nesse contrato-gigante. Baste ver a desproporção entre o seu valor e o que proporciona: na Williams, uma pequena inserção que ninguém observa no carro, sufocada por outras mais notórias, e uns frentistas de combustível com uniforme amarelo, a indefinida inscrição BR nas costas e que, por todo o campeonato de 2002, só se distinguiram pela trapalhada de liquidarem com as chances de Ralf Schumacher em dada corrida. A outra equipe privilegiada pela estatal brasileira, a Jordan, nem chegou a ser vista mais do que de relance na telinha. Isso, ao custo, para o Brasil, de US\$ 2,5 milhões.

Ao tempo da ditadura, mais precisamente na troca de Médici por Geisel, Aloysio Biondi e eu tentamos levantar uma estimativa do que o governo e suas estatais estavam esbanjando com propaganda que nem ao regime servia. Era só questão de dinheiro de tal cofre para tais bolsos. Constatamos ser tanto a verificar, que até a simples estimativa se tornava impossível, ainda mais por ser um atrevimento que encontrava obstáculos irados a toda a sua volta.

Os álbuns que o Banco Nacional de Habitação lançava, uns atrás dos outros, além dos seus brindes em ouro, mereceriam um museu dos gastos orgiáticos e criminosos. Aconteciam enquanto o ditador Médici apresentava-se como autor desta frase para ele cunhada pelo então coronel Otávio Costa: "O país vai bem, mas o povo vai mal".

O povo continua indo mal, vai até pior nos seus 54 milhões de miseráveis, mas várias estatais e autarquias voltaram, no governo Fernando Henrique, às práticas da ditadura. Os Correios, para citar um caso sem estender demais o tema, andaram editando até uma publicação periódica com a única finalidade perceptível de publicar fotos do seu então presidente. Exemplos no pior sentido não faltam.

Há muito dinheiro mal destinado por aí afora. Uma coleta ética vai revelar surpreendente fonte de recursos novos. E poderia até revelar espantosa fonte de material para inquéritos e processos, se o novo governo levasse até aí a sua disposição.

Jânio de Freitas
Jornalista



*"Fartou-se de ver
a verdade traída
Fartou-se de ver
a Justiça ferida
Fartou-se de ver
essa vida contida
Por isso esse ar
de esperança
bonita estampado
nos olhos de cada
um que se espera
não saia de jeito
nenhum."*

*Letra da música "27 de outubro",
composta por Ivan Lins e Vitor Martins
após a vitória eleitoral de Lula.*



Um representante do povo no poder

Com a eleição de Lula, chega ao poder o resultado da história de lutas sócias no país e a resposta a aspirações populares e de trabalhadores

■ Evandro Peixoto

A partir de primeiro de janeiro, o cargo mais alto do país, o de Presidente da República, passa a ser ocupado por um operário, legítimo representante dos trabalhadores e das classes populares. A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, com 52 milhões de votos, marca uma nova fase na política brasileira, carregada de expectativas de mudanças na condução dos destinos do país e de esperanças na melhoria das condições de vida da população empobrecida.

Lula leva para o Palácio do Planalto o aprendizado de uma vida sofrida, marcada pelas mesmas privações e infortúnios dos milhões de brasileiros que vivem o drama do desemprego, da falta de moradia e da carência de condições mínimas de sobrevivência.

Leva também na bagagem o acúmulo das lutas sociais travadas no Brasil ao longo de sua história, sobretudo das grandes mobilizações populares ocorridas a partir do ocaso da ditadura militar, na década de 70.

O projeto político que chega ao poder resulta tanto das demandas e das aspirações dos trabalhadores e dos excluídos - índios, negros, mulheres, sem-terras, sem-tetos... - como também das causas democráticas e dos movimentos aglutinadores do pensamento e das forças políticas progressistas. Em outras palavras, expressa a defesa da democracia, da cidadania e da dis-

tribuição da renda feita pela sociedade, em contraposição às mazelas produzidas pela elite e seus representantes políticos.

O êxito de Lula na eleição deste ano é fruto do desejo de mudança tantas vezes manifestado pela população brasileira nos últimos anos. Na década de 70, a sociedade mobilizou-se pela anistia - com a - com a bandeira da "anistia ampla geral e irrestrita" - e exigiu uma ruptura no processo autoritário de prisões e exílios a

todas as vozes discordantes do regime. Na campanha das Diretas-Já, em 1984, outra marcante mobilização do povo, com milhões de

Organizações populares e sociais voltaram a atuar nas lutas nacionais a partir do final da década de 70

brasileiros nas ruas e praças do país em busca do direito de escolher direta e livremente o presidente da República. O povo manifestou-se pelo fim do processo antidemocrático e indireto pelo qual se escolhiam o presidente, governadores e prefeitos das capitais, estâncias hidrominerais e áreas de segurança nacional (faixa de fronteira, portos etc).

Igualmente representativa da aspiração por democracia e justiça social foi a movimentação política visando a instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte, que resultou na chamada "Constituinte Cidadã" de 1988.

Feita a travessia para o regime civil, vieram as primeiras eleições diretas do pós-ditadura, com a aglutinação de parcela expressiva da sociedade em torno de um projeto popular, já com Luiz Inácio Lula da Silva como o candidato a presidente que o representava. O eleito foi outro, o medo venceu a esperança. Mas o governo que saiu das urnas pelas mãos do poder econômico não tardou a expor-se em forma de desastre e levou novamente o povo às ruas pelo impeachment, por ética na política e por um novo modelo de desenvolvimento econômico e social.

A partir de 1995, na esteira de um novo plano econômico, o do Real, o país ficou nas mãos da social-democracia tucana, um arranjo político que manteve o poder sob a mesma configuração das elites que sempre dominaram o cenário nacional. Foram oito anos de governo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, em que tudo se fez em nome da "modernização" do país. Conforme lembra o britânico Perry Anderson, um dos mais importantes historiadores da atualidade, FHC "leilou a maior parte do setor estatal e abriu a economia completamente, apostando na entrada de um fluxo maciço de capital externo, e os resultados estão evidentes: estagnação crescente, salários reais em queda, desemprego em nível nunca visto e uma dívida estarrecedora". Foi contra essa herança que a sociedade brasileira voltou a se mobilizar na campanha eleitoral deste ano, tendo como referência um novo projeto para o país, um projeto popular, de mudança do modelo econômico, orientado pela produção e a distribuição de renda, e de combate à miséria, à violência e à corrupção.

Perfil identificado com a vontade popular

A trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva das portas de fábricas para o Palácio do Planalto moldou sua figura pública sem deixar para trás as marcas de sua origem e sem perder a ligação com a vida de quem enfrenta a pobreza e a exclusão social. O hoje presidente é visto como o retirante, o operário e o líder popular que se fez estadista e conquistou a Presidência da República, para realizar as mudanças desejadas pela sociedade.

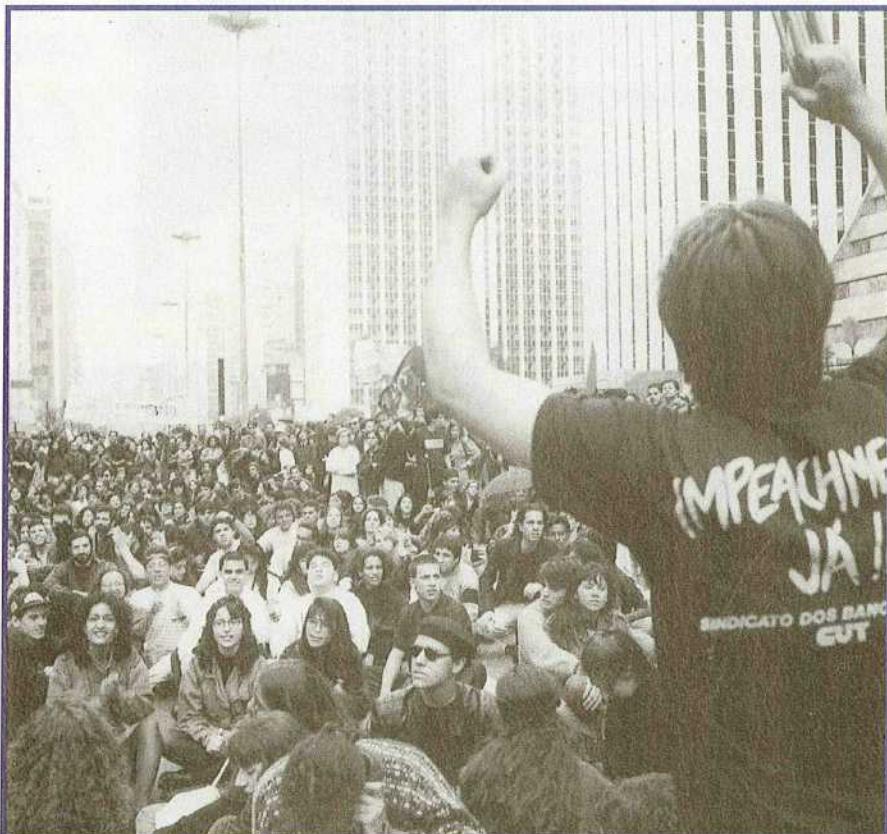
As expectativas depositadas no governo Lula se manifestam pela busca de um nova relação entre governo e sociedade, com participação e co-responsabilidade, dentro da idéia de pacto social, visando, de um lado, a garantia de estabilidade econômica e, de outro, o crescimento do país com geração de emprego, distribuição de renda e inclusão social.

Para o teólogo e escritor Frei Betto, amigo de longa data do no-

Identificação do povo com Lula não tem similar na história do país, na opinião do teólogo Frei Betto



Lula e PT estiveram presentes nos grandes momentos da história do país nos últimos 20 anos



Desde a anistia, a sociedade tem ido às ruas com suas bandeiras

vo presidente, a identificação popular com Lula e a esperança nele depositada não têm paralelo na história do Brasil, pelos 500 anos de exclusão social sem que os homens e mulheres comuns pudessem enxergar nos governantes alguma relação com seus mundos e modos de vida. A seu ver, a onda de esperança em torno do governo Lula só guarda semelhança com a chegada de Tancredo Neves à Presidência no fim do regime militar. "Lula é o único presidente que saiu da miséria, que passou o que a nossa gente está passando e que fala ao coração do povo", diz ele.

A opinião de Frei Betto encontra respaldo nas palavras do funcionário público aposentado Gilson Pinto, para quem "todos

O povo se identifica com Lula: "todos nós somos um Lula da Silva", diz o aposentado Gilson Pinto

nós somos um Lula da Silva, porque ele é um cara que veio da nossa camada". É corroborada também por José Carlos da Silva, comerciante há 23 anos na região central de Brasília, que vê Lula como "um homem que sabe das dificuldades do povo" e que, por isso, terá maior interesse em "mudar as coisas".

Quanto à equipe do novo governo, Frei Betto está certo de que terá por princípio a idoneidade moral, a responsabilidade social e a competência. Outra de suas convicções é de que a economia ficará subalterna ao social, ao contrário do que ocorreu ao longo dos oito anos de governo FHC, o que implica em alteração da "lógica analítica" do atual governo para uma "lógica dialética".

"O novo governo vai pegar um grande pepino. Não será fácil enfrentar as dificuldades que o povo e o país estão passando. Acho que Lula vai melhorar as coisas a longo prazo. Ele conhece a situação do povo, é também um homem que passou por muito sofrimento. Seu governo pode até não conseguir melhorar as coisas, mas vai brigar muito pelos mais pobres".

José Carlos da Silva de Souza, dono de bar há 23 anos na zona central de Brasília.



"Foi a quarta vez que votei no Lula. Durante todos esses anos, seus compromissos não mudaram. Agora, mesmo que ele não quisesse, teria que corresponder. Mas o Lula é um homem que saiu do meio do povo, conhece bem as necessidades que a gente passa, e tem capacidade para mudar as coisas. No primeiro ano vai ser difícil, mas ele vai realizar mudanças importantes. Estamos precisando de um governo que dê outro rumo ao país. Até o governo de Fernando Henrique, nunca tinha entrado no cheque especial, fui obrigado a entrar e nunca mais saí. Os serviços caíram pelo menos 40%. Estou otimista, muito otimista. Estou com 57 anos e pela primeira vez elegi um presidente da República".

Agnaldo Alves, relojoeiro há 12 anos.



"Acredito que vai melhorar. O custo de vida está só subindo e a situação virou uma bomba-relógio. O Lula representa a mudança em relação ao modelo que estava causando isso. O povo está acreditando nele, tanto que ele teve essa excelente votação. Em comparação com os outros, ele tem mais credibilidade, já viveu a maioria dos problemas que o povo vive".

Jociana Azevedo da Costa Paiva, vendedora de frutas há 15 anos.



"Eu boto fé no governo do Lula. Todos nós somos um Lula da Silva, ele é um cara que veio da nossa camada. Ele já sofreu o que a gente vem sofrendo, é nordestino como eu. Só quem já passou fome é que sabe. Minha esperança é de que ele olhe para o problema da seca do Nordeste e para as dificuldades dos nordestinos. Quero transmitir esse recado a ele. Acho que tem que punir esses caras que pegam verba para a seca e não resolvem nada".

Gilson Pinto, aposentado como funcionário público do governo do Distrito Federal.



Novo ciclo na política brasileira

A chegada do PT ao poder com Luiz Inácio Lula da Silva vem sendo analisada através da imprensa, com fartas interpretações sobre o seu significado. Cientistas políticos e historiadores entregam-se ao esforço intelectual de definir o novo cenário político brasileiro e estabelecer as suas relações com o momento que país atravessa e com o futuro.

Para o professor de economia política da Universidade Federal do Rio de Janeiro José Luiz Fiori, "chegou a vez de um projeto popular que nunca ocupou o po-

der, mas teve grande presença nas mobilizações sociais e democráticas". Esse projeto, que nunca comandou a política econômica em nenhum governo republicano, teria origem nas lutas sindicais e no movimento tenentista das primeiras décadas do século XX e que, a partir da década de 30, passou a se identificar com um projeto de desenvolvimento econômico nacional, "parente do projeto desenvolvimentista de Vargas e JK".

No jornal AdVerso, da Associação de Docentes da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Fiori destaca ainda uma formulação do economis-

Para Antônio Cândido, a eleição de 2002 mostra o desejo de "investidura histórica" do povo



ta Celso Furtado segundo a qual "o ponto de partida de qualquer novo projeto alternativo de nação terá que ser, inevitavelmente, o aumento da participação e do poder do povo nos centros de decisão do país".

A apreciação do momento político encontra, inclusive, convergências entre as opiniões do professor de filosofia da USP (Universidade de São Paulo), José Arthur Gianotti, um intelectual ligado a Fernando Henrique Cardoso, e do também professor da USP, Antônio Cândido, um dos fundadores do PT. Gianotti admite que a eleição de Lula representa uma mudança importante. Segundo ele, "não é apenas um antigo torneiro mecânico que se torna presidente da República; importa mais um partido, cujas raízes

se alastram até as classes médias mais baixas, ser capaz de falar ao povo e atrair segmentos das classes altas". Antônio Cândido, por sua vez, identifica na eleição de Lula um "investidura histórica" do povo brasileiro, "como se os eleitores tivessem sentido que a mudança a que muitos aspiram só pudesse ser tentada por alguém desligado dos velhos hábitos da nossa política".

A exemplo de José Fiori, Antônio Cândido entende que a vitória do candidato do PT coroa um processo histórico iniciado com as lutas sociais do fim do século 19 e acelerado depois de 1930, devido ao incremento da industrialização. Para o professor, a escolha de Lula "significa não apenas o reconhecimento de sua notável capacidade, mas, também de sua qualidade de

"Tenho muita esperança de que o governo do PT vai melhorar o país. O Lula vai levantar mais o Brasil, vai combater a fome... Ele continua um homem do povo. Fiz campanha pra ele com prazer, sem interesse. Só pelo interesse do povo. O governo dele vai corresponder bem, tenho certeza".

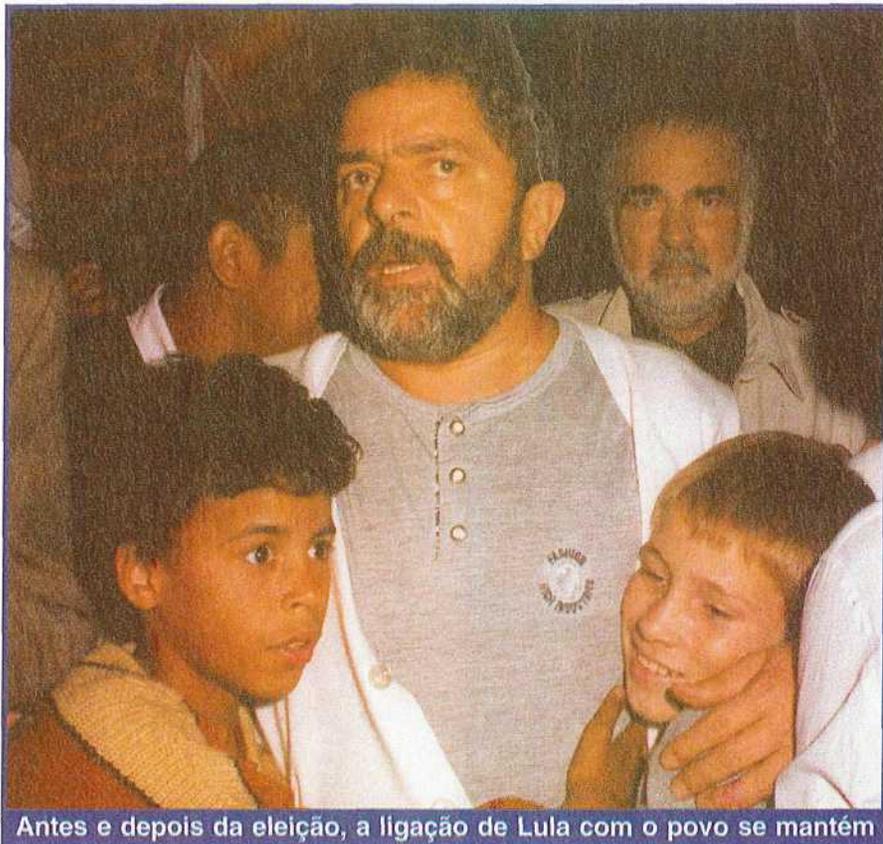
Gilmar Félix dos Santos, engraxate há 14 anos.



"O Lula tem história democrática, é um figura importante no cenário político e soube crescer. Chegou à presidência por sua capacidade, por sua liderança e por sua inteligência. Ele terá dificuldade no primeiro ano, mas tem uma equipe de credibilidade, competente... Ele fez as alianças necessárias e o PT é o partido mais legítimo do país, saiu da base. Tem suas contradições, mas amadureceu muito. Acredito que o governo Lula pode mudar muita coisa, mas acho que ele deve dar continuidade aos projetos sociais que estão dando certo. Tem que dar continuidade e melhorar. As mudanças virão com o clima de participação".

Rosana Marques Paulon, auditora fiscal da Previdência Social.





Antes e depois da eleição, a ligação de Lula com o povo se mantém

"Avançar para a realização dos sonhos da sociedade"

Em entrevista à revista *Fenae Agora*, o prefeito de Londrina (PR), Nedson Micheleti, afirma que o governo Lula oferecerá "condições objetivas de avançar para a realização dos projetos e sonhos da sociedade". Micheleti é empregado da Caixa e administra a terceira maior cidade do Sul, com cerca de 450 mil habitantes. Em 1998, havia sido candidato a senador e obteve 977 mil votos, ficando em segundo lugar.

Foi deputado federal entre 1995 e 1998. Ex-presidente da Cohab-Londrina, realizou um projeto de urbanização de favelas premiado pela ONU (Organização das Nações Unidas).

FA - Que diferença há entre a esperança e as expectativas geradas com a eleição de Lula e as ondas de otimismo observadas em relação a outros governantes até aqui também consagrados pelas urnas?

Nedson - A diferença está nos compromissos assumidos pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva de atendimento às camadas mais populares do país. Os compromissos são reais, não foram formulados apenas para estampar programas de governo.

FA - A trajetória de Lula e de seu partido está associada ao movimento dos trabalhadores e às lutas populares. De que forma isso se refletirá em seu governo?

Nedson - A trajetória de Lula

representante dos trabalhadores, finalmente chamados a participar do governo como uma força ao lado de outras".

Já o britânico Perry Anderson, sociólogo de renome internacional, considera que Lula "personifica uma experiência de vida popular e um registro de luta social e política de baixo para cima inigualada por qualquer outro governante no mundo atual". E destaca também o fato de Lula ter, por trás dele, "o único partido de massas novo a ter sido criado a partir do movimento sindical desde a Segunda Guerra - um partido que, em termos de números, influência e coesão não tem igual na América Latina". A seu ver, existe em torno de Lula um clima de expectativa popular que nenhum presidente recente desfrutou no início do seu mandato, o que o faz crer que "a esperança de que o país pos-



Nedson Micheleti, prefeito

será refletida nas prioridades adotadas pelo novo governo, sobretudo nas questões de inclusão social e participação popular.

FA - Há de fato espaço no novo governo para a concretização dos projetos e dos sonhos acalentados pelos segmentos organizados da sociedade?

sa deixar para trás a miséria dos últimos anos não vai desaparecer da noite para o dia".

Também o inglês Eric Hobsbawm, considerado o maior historiador marxista vivo, atribui à vitória do PT um "significado histórico". Na sua avaliação, a força do partido de Lula vem de ter, gradualmente, atraído os trabalhadores mais pobres do Brasil, bem como intelectuais e profissionais, tornando-se o partido da maioria no país. Hobsbawm vê a eleição de Lula como consequência direta da aplicação de reformas do FMI, do fundamentalismo do mercado, ao Brasil: "Foi a resposta de brasileiros de todas as classes ao que se costumava chamar de Consenso de Washington. Quanto mais se dizia que o mercado iria operar contra se votassem no PT, mais as pessoas viram uma boa razão para votar no PT".

Nedson - Não existe apenas espaço mas também condições objetivas de avançar para a realização desses projetos e sonhos da sociedade. Lula já está trabalhando para garantir a governabilidade e viabilizar os projetos apresentados durante a campanha. Projetos que foram incansavelmente discutidos com a sociedade.

FA - Qual o risco de o sonho acabar em desilusão?

Nedson - Não há risco. Mas não podemos ser imediatistas. Teremos um governo de quatro anos e Lula, neste momento de transição, vem demonstrando muita capacidade de liderança, de articulação política, e já deixou claro que a prioridade do novo governo serão as bandeiras que sempre foram defendidas por ele e pelo Partido dos Trabalhadores.

Empregado da Caixa na rota inicial do projeto Fome Zero

O programa Fome Zero, prioridade maior do governo Lula, terá início no Piauí, estado que será governado a partir de primeiro de janeiro pelo bancário da Caixa Wellington Dias, de 40 anos.

Wellington foi eleito governador em primeiro turno, com 688.278 votos (50,96% dos votos válidos). É oriundo de família humilde, pai lavrador e mãe professora. Começou a trabalhar aos 14 anos como balconista do Banco do Nordeste, onde chegou a gerente substituto. Graduou-se em letras e seguiu carreira na Caixa Econômica Federal, empresa da qual é funcionário licenciado. Sua militância política começou nas comunidades de base da Igreja Católica, continuou no movimento estudantil e sindical, quando se filiou ao PT. Foi presidente da Associação do Pessoal da Caixa do Piauí, do Sindicato dos Bancários local e do CDN (Conselho Deliberativo Nacional) da Fena. Foi vereador em Teresina (1992-94), deputado estadual (1994-98) e deputado federal (1999-02).

Dias foi um dos parlamentares de destaque no Congresso Na-

cional. Presidiu a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle, combateu o crime organizado no Piauí e, de uma tacada só, denunciou 163 prefeitos piauienses por improbidade administrativa.

Agora terá a difícil missão de governar um dos estados mais pobres do país, onde apenas 3% da população têm rede de esgoto, 40% dos adultos são analfabetos e a renda per capita anual é de R\$ 2.103,20.

Em sua despedida da Câmara Federal, Wellington agradeceu a Lula pela escolha do Piauí para ser o pólo experimental do Fome Zero. "Juntos teremos condições de colocar o estado na rota do desenvolvimento e acabar com a pobreza na região", enfatizou.

Em confraternização realizada no dia 29 de novembro, na Câmara Federal, Wellington foi homenageado por seus colaboradores e por representações sindicais e associativas. O presidente da Fena, Carlos Borges, entregou-lhe uma placa em agradecimento à sua "inestimável contribuição ao movimento dos empregados da Caixa, à luta geral dos trabalhadores e às causas populares".



Augusto Coelho

Carlos Borges (Fena) entrega a homenagem ao governador eleito



Augusto Coelho

Lei de diretrizes orçamentarias - 2003

Anexo de metas fiscais - metas e projeções fiscais

Preços médios 2002 IGP-DI

Discriminação	2000		2001		Reprogramado 2002	
	Valor	%PIB	Valor	%PIB	Valor	%PIB
I. Meta de resultado primário fixada	36.286,8	2,8	31.653,1	2,5	36.673,0	2,8
II. resultado primário obtido	36.411,7	2,8	31.853,4	2,5	36.673,0	2,8
Fiscal e Seguridade Social	24.307,4	1,9	23.692,4	1,8	29.213,0	2,2
Estatais	12.104,3	0,9	8.160,9	0,6	7.460,0	0,6
III. diferença entre a meta e o resultado	124,9	0,0	200,3	0,0		
IV. Resultado nominal obtido	-29.763,5	-2,3	-27.242,2	-2,1		
LX. Dívida líquida Governo Central	419.935,4	31,0	443.792,1	33,1		

Fonte Anexo de metas fiscais da Lei nº 10.524/2002 - Elaboração: Inesc



Pacto pelo Brasil

Em meio a restrições orçamentárias e índices sociais precários, Lula propõe nova forma de pensar as mudanças necessárias para o país

Luiz Inácio Lula da Silva ainda não assumiu, mas sua eleição já acrescenta novos temas na agenda política nacional. O maior é o Fome Zero, mas há outros, como a volta da idéia do pacto social, materializado no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Socioambiental. Já durante a primeira reunião do pacto, no dia sete de novembro, o presidente nacional do PT, José Dirceu, resumiu o objetivo do conselho: "estamos aqui hoje para unir o país". Ele se dirigia aos mais de 120 representantes de organizações da sociedade civil, sindicalistas e empresários presentes ao evento, em São Paulo.

A proposta do novo governo é criar um conselho consultivo ligado diretamente à Presidência,

com algo em torno de 40 a 60 pessoas. O coordenador da equipe de transição e futuro ministro, Antônio Palocci, antecipou que o conselho agirá em torno de três eixos: desenvolvimento econômico sustentado e emprego; distribuição de riqueza e combate à pobreza; fortalecimento democrático. A partir destes pressupostos, serão construídos "consensos mínimos" para a realização das reformas necessárias na previdência, sistema tributário, política, campo e trabalho.

E o trabalho não será fácil. Relatório divulgado no início de dezembro pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatís-

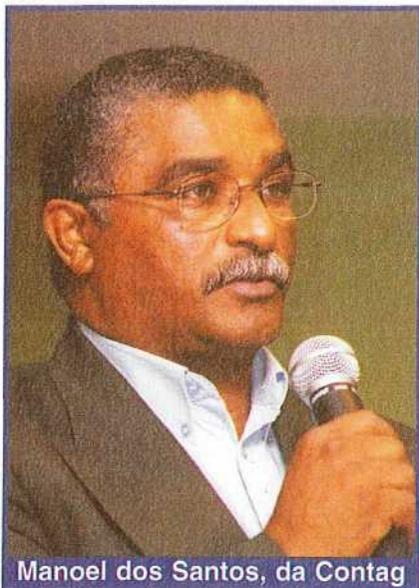
tica) revela que 49 milhões de brasileiros, ou quase um terço da população, sofrem a combinação de sua baixa renda com o acesso precário a serviços básicos - sa-

neamento básico, educação, saúde, alimentação. O relatório ainda mostra que 54 milhões de pessoas, o equivalente a 32,1% da população, recebem menos de meio salário mínimo por mês. O objetivo da pesquisa do IBGE, em parceria com o

Fundo de População das Nações Unidas, foi verificar a interferência da pobreza na qualidade de vida da população.

Entre os resultados da pesquisa, dessas 54 milhões de pessoas

Ligado à Presidência, o conselho consultivo *deverá* ter entre 40 e 60 membros



Manoel dos Santos, da Contag

Reversão do quadro de crise não será fácil

Estes e outros indicadores sociais apontam a necessidade de construção de um pacto social que combata a desigualdade e o crescimento do custo de vida para a população. "Não tenho a ilusão de que vai ser uma coisa simples", comenta o presidente da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), Manoel José dos Santos, um dos participantes da reunião de novembro. No entanto, ele acredita no sucesso do pacto. "Precisamos pensar muito mais e a partir dis-

Conselho proposto pelo novo governo pode legitimar socialmente as propostas de reforma

so não nos acomodar, mas ver o que é possível fazer do ponto de vista estrutural, com reformas fundamentais", diz Santos.

O presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Horácio Lafer Piva, também afirma que seu setor mantém uma "expectativa positiva de diálogo amplo". Em artigo na revista CartaCapital de 30 de outubro, no entanto, Lafer Piva aponta que "o Lula na roupagem light representa uma entidade ainda nebulosa". Ele ainda mostra que os industriais não vão aceitar "exorbitâncias do Estado na esfera econômica e possíveis

apenas 31,6% tinham acesso a água, esgoto e coleta de lixo, contra 86% no grupo de brasileiros com maior renda. No Nordeste, esse percentual era menor ainda: 21,6%, contra 55,8% no Sudeste. Entre os mais ricos, nas mesmas regiões, os percentuais subiram para 77% e 93,4%, respectivamente.

Na educação, a mesma discrepância. Da parcela mais pobre da população, o acesso à escola existe para apenas 26,9% das pessoas entre 18 e 24 anos. Além disso, os negros representam 65% da população que vive com meio salário mínimo.

O Brasil deixado por Fernando Henrique Cardoso também mostra que os preços subiram, mesmo com a política de combate à inflação. Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), a taxa de inflação em oito anos de Plano Real chegou a 126%. Entre os maiores responsáveis pelas taxas, estão o gás de cozinha, aluguel, telefone, transporte coletivo, energia elétrica, todos produtos controlados pelo próprio governo e com aumentos superiores a 200% em oito anos.

Índice do Custo de Vida (ICV-Dieese)

Município de São Paulo – outubro de 2002

Grupos	Variação(%)	Contribuição(pp)	Ponderação(%)
Total Geral	1,13	1,13	100,00
Alimentação	2,34	0,60	25,45
Transportes	1,20	0,19	15,78
Habituação	0,48	0,12	24,70
Saúde	0,56	0,07	12,58
Despesas pessoais	1,49	0,05	3,56
Equipamento doméstico	1,06	0,05	4,50

Fonte: Dieese



excessos regulatórios e mais abusos na área tributária".

Já João Antônio Felício, presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), aponta a necessidade de que as políticas estabelecidas pelo conselho busquem "o crescimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda, abrindo espaço para incluir os excluídos". Felício acrescenta: "Temos a oportunidade histórica de iniciar a construção de políticas de desenvolvimento capazes de superar o atraso histórico em habitação, saneamento, educação e saúde".

O professor Adriano Nervo Codato, da UFPR (Universidade Federal do Paraná), analisa que a proposta de pacto social traz uma série de benefícios para o novo governo e para a sociedade. Entre eles, "permite que se reative canais não institucionais de participação, ampliando assim a possibilidade de influência de uma parte da sociedade organizada". Além disso, demonstra a intenção de governar de outra forma, "do tecnocrático ao democrático", bem como "a explicitação dos interesses em disputa que, mais transparentes, têm de descer a essa arena para negociar perdas e ganhos".



Segundo pensadores, o pacto pode "amortecer" demandas sociais

Exemplos de pacto na história das nações

O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Socioambiental tem sido frequentemente comparado ao Pacto da Moncloa, acordo feito na Espanha em 1977 para garantir a transição da ditadura de Francisco Franco para uma democracia constitucional baseada na monarquia. Em seguida à morte de Franco, em 1975, o rei Juan Carlos I foi coroado e o gabinete de governo iniciou as reformas. Com a legalização dos partidos, a Espanha teve suas primeiras eleições livres des-

de 1936. Em 1978, partidos, sindicatos e sociedade reuniram-se para definir as bases da nova democracia espanhola.

O Pacto da Moncloa, na Espanha, marcou a transição da ditadura para a democracia

Para Demétrio Magnoli, doutor em geografia humana pela USP (Universidade de São Paulo) e colunista da revista *Época*, não se pode comparar as situações de Brasil e Espanha porque aqui não acontece "uma transição entre regimes políticos". No Brasil, segundo Magnoli, "o pacto de Lula serviria como amortecedor das pressões popula-



res por salários, empregos, investimentos sociais e distribuição acelerada de terras, que não podem ser atendidas em virtude dos compromissos internacionais e com a estabilidade macroeconômica". Ou seja, o molde não é a Moncloa - cujo nome vem da sede do palácio do governo espanhol -, mas pode ser encontrado entre tantos outros acordos nacionais de combate a crises sociais.

Israel também invocou o pacto social para a consolidação do país, após 1948. O sociólogo José Pastore, professor aposentado da USP, cita ainda outros modelos: os entendimentos nacionais na Inglaterra, Austrália, México, os acordos básicos entre trabalhadores, empresários e governo na Dinamarca, Itália, França, e a concertação social

na Alemanha, Áustria, Japão e Suíça. Para o professor, em todos esses "e tantos outros esforços de solidariedade entre as partes só vingaram quando se generalizou o medo econômico, político, social ou uma combinação deles".

No Brasil, a questão política pode estar equacionada, mas a desigualdade social é motivo suficiente para que este "esforço de solidariedade" tenha resultados práticos.

Ou, como aponta Adriano Codato, da UFPR, "no Brasil, a agenda de questões hoje não se organiza em torno da fórmula política a ser adotada pelo novo go-

verno, mas em torno das reformas econômicas e sociais".

Codato acrescenta, assim, que "os pactos são fórmulas de entendimento social para a superação de crises, que podem ser políticas, econômicas, sociais". Segundo ele, os governos lançam mão dessas fórmulas quando o sistema político não é mais capaz de fazer frente aos desafios nacionais, ou porque há uma crise que destrói a capacidade

de representação do sistema político, ou porque as instituições do sistema político são muito conservadoras e pouco afeitas às reformas necessárias..."

**Os governos
lançam mão de
pactos sociais
para superar
crises sociais,
políticas ou
econômicas**



Os trabalhadores e o 1º de Maio: reivindicações antigas encontram novo fórum com o pacto social



O presidente eleito, Lula, e o deputado reeleito José Pimentel

Os bancos no governo Lula

H José Pimentel

O Brasil está vivendo um momento de expectativa e esperança. Estamos todos felizes com a eleição de Lula para a Presidência da República - fato que aumenta nossa responsabilidade. O desafio é estimulante e exige uma grande costura política para que sejam aprovadas as reformas necessárias, inclusive no Sistema Financeiro Nacional.

Neste período de transição, estou integrando os núcleos temáticos que elaboram o programa de governo para a região Nordeste, Sistema Financeiro, sistema previdenciário, e tributário e fiscal. Sabemos que, na agenda de votação do Congresso, não há espaço para votar a

regulamentação do Sistema Financeiro até o primeiro semestre de 2003, quando o governo colocará em pauta as reformas: tributária, previdenciária e trabalhista. Outro tema que está em aberto diz respeito à autonomia do Banco Central. Estamos discutindo mecanismos de controle da instituição para que atenda aos anseios da sociedade, diante do programa Lula.

Estamos, também, debatendo na equipe de transição e no movimento sindical qual o novo papel das instituições financeiras. Sem dúvida, os bancos públicos federais serão fundamentais para o desenvolvimento econômico, na geração de

trabalho e renda para os brasileiros. Eles servirão de suporte técnico para a implantação dos projetos sociais.

Para a Caixa Econômica, foi constituído um grupo de trabalho para definir suas tarefas, deixando claro que terá um papel fundamental na política habitacional, continuará administrando o FGTS, manterá o controle das loterias, garantindo a lisura, e atuará como banco múltiplo nas várias áreas do mercado. A remuneração da Caixa, a preço de custo, quando da execução de políticas de governo, é outro aspecto importante. Queremos evitar a criação dos "esqueletos" que, historicamente, têm prejudicado a instituição e indignado a sociedade.

O Banco do Brasil será fortalecido e incorporará nova missão. O Banco do Nordeste será, de fato, um banco de desenvolvimento regional para assegurar o crescimento econômico. Com o voto de 52 milhões de brasileiros, entende-se que os gestores dos bancos públicos devem satisfazer a um perfil ético, conhecimento técnico e compromisso com o novo governo. A atual gestão do Banco do Nordeste não corresponde ao perfil e será substituída. Os cinco bancos estaduais que estavam em vias de serem privatizados no atual governo tiveram seus leilões suspensos e tudo voltará a ser discutido, em 2003, dentro de uma nova concepção de Estado e nação.

José Pimentel
Deputado federal (PT-CE)

Cruzada a serviço de um projeto nacional

Em oito anos de governo FHC, a Caixa foi alvo de um enxugamento acelerado. Agora, com Lula, missão da empresa deve ser resgatada

Ao longo de oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso, a Caixa Econômica Federal passou por um processo de profundas mudanças. Essa 'reestruturação', a pretexto de modernizar o modelo de gestão e de buscar a competitividade no mercado, provocou forte impacto na organização do trabalho, nas políticas de recursos humanos e

nas condições de vida e saúde dos trabalhadores, além de ter gerado a completa descaracterização da em-

presa como banco público.

O ponto de partida para esse enxugamento foi dado por Sérgio Cutolo, que presidiu a Caixa por quatro anos: de 1995 a 1998. Exemplos de medidas da gestão Cutolo são o PRC (Plano de Reestruturação Administrativa e Competitividade), o PDG (Prêmio por Desempenho Gerencial), o primeiro e o segundo PADV

(Plano de Apoio à Demissão Voluntária), a mutilação do PCS (Plano de Cargos e Salários) e o programa de realocação de pessoal.

Gestões dos últimos oito anos causaram processo de descaracterização da Caixa como banco público





Augusto Coelho

A vocação social da Caixa foi deixada de lado nos últimos anos. Saneamento básico é um dos desafios

O caos administrativo aprofundado por Carazzai

Sob o comando do economista Emílio Carazzai, vinculado ao PFL do vice-presidente da República, Marco Maciel, a descaracterização da Caixa como banco comprometido com o desenvolvimento social do país foi aprofundada de maneira nunca antes vista. Carazzai ficou no cargo por um período de três anos e meio - de 1999 a 2002. Do ponto de vista dos bancários, clientes e usuários e, sobretudo, no que diz respeito à vocação social da empresa, a passagem de Carazzai pela Caixa foi tida como desastrosa. Tanto que ele ganhou o apelido de "o demolidor". Nesse período, aliás, a estrutura e a filosofia de banco público voltado para as demandas sociais foram abaladas por medidas como a

segmentação de agências, a interposição fraudulenta de mão-de-obra, a transferência de serviços bancários para casas lotéricas e padarias, a mudança no Pams (Plano de Assistência Médica Supletiva) e o desrespeito à representação dos empregados.

Durante a gestão Carazzai, dois PADV empurraram para a rua quase seis mil bancários (com os dois da época de Cutolo, a redução drástica do quadro de pessoal via planos de demissões voluntárias atingiu cerca de 12 mil empregados). O RH 008, normativo interno adotado em fevereiro de 2000, instaurou uma verdadeira caça às bruxas com demissão sem justa causa de aproximadamente 400 trabalhadores. O expediente do

assédio moral, definido como "exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas, durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções", tornou-se rotineiro e ain-

da hoje continua sendo utilizado como instrumento de coação e perseguição contra aqueles que permanecem trabalhando. O termo 'massa velha', cunhado por Carazzai no ano passado - na época, ele tinha 52 anos -, é um exemplo típico de assédio moral, ao discriminar empregados com mais de 40 anos de idade e ao delimitar como alvos pessoas que foram admitidas em concurso público e que são parte importante da inteligência da empresa.

Para clientes, usuários e empregados, a passagem de Emílio Carazzai pela Caixa foi desastrosa

Política de enxugamento mantida em larga escala

Tendo o programa de privatização como um dos pilares da política econômica definida por FHC, o enxugamento verificado nos bancos públicos federais resultou em uma série de iniciativas administrativas desastrosas. Um dos principais alvos dessa política foi a Caixa, inclusive, usada indevidamente para aumentar os lucros dos bancos privados, como no caso da aquisição das carteiras imobiliárias dos bancos Econômico e Bamerindus. Somado a isso, a destruição do espírito de equipe foi uma das marcas registradas da administração Emílio Carazzai. Essa política levou a auto-estima dos empregados a um nível extremamente baixo, nunca antes visto na empresa.

Mas a exemplo de seus antecessores, Valdery Albuquerque prossegue com o projeto de enxugamento indiscriminado da empresa. Conta para isso com a ajuda de Mário Haag, vice-presidente da área de Logística e RH. Em total descompasso com as mudanças políticas, econômicas e sociais pelas quais o país começa a passar a partir da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, Valdery Albuquerque sacode a Caixa com atos administrativos de conteúdos explosivos. Os casos mais flagrantes são o novo estatuto, o redesenho do banco comercial, a reestruturação das áreas-meio, o impasse 'ad eternum' da dívida junto à Funcef, a precarização do atendimento habitacional nas agências espalhadas pelo território nacional, a partir da Centralizadora de Habitação que congrega todas as atividades da área em São Paulo, a dispensa de funções para empregados lotados na Diretoria de Recursos Humanos e a extinção das Gipes (Gerência de Filial de Pessoal) de São Paulo, Belo Hori-

zonte e Porto Alegre.

Entre as cascas de banana deixadas como 'presentes de grego' ao governo Lula pela gestão FHC na Caixa estão a mudança no estatuto, cujo decreto 4.371, de 11 de novembro, aumentou para 30 o total de diretorias, incluindo a criação de nove vice-presidências. O mesmo teor de segregação foi observado na alteração do PCS (Plano de Cargos e Salários) da empresa, efetivada no início de julho e que inclui realinhamento salarial de até 77,5% apenas para os cargos do alto escalão, enquanto os demais trabalhadores estão com seus vencimentos praticamente congelados há oito anos e são vítimas de frequentes pressões pelo cumprimento de metas excessivas. O enxugamento da estrutura interna da empresa também continua em larga escala, a exemplo da transferência para Brasília dos escritórios estaduais das representações de recursos humanos, a quem cabe centralizar todos os processos de reclamações trabalhistas do Brasil. Esses atos administrativos foram objetos de denúncias amplamente divulgadas pela imprensa.

Sem dúvida, a gestão de Valdery Albuquerque está deixando uma herança trágica para seu su-

Valdery Albuquerque está deixando uma herança trágica para o seu sucessor no governo Lula

cessor. Por qualquer ângulo que se observe a sua curta passagem pela empresa, os indicadores administrativos são negativos. Reflexo disso são as seguidas derrotas que a Caixa vem tendo na Justiça Federal no caso da terceirização em larga escala em áreas que não podem ser terceirizadas. Há, inclusive, diversas contestações judiciais formuladas pelo Ministério Público Federal, devendo a Caixa ser condenada por essa irregularidade. Diversas outras medidas também estão sendo contestadas judicialmente. Este é o caso

do programa de assistência médica, alterado de maneira unilateral e sem negociação com os sindicatos, e as das demissões com base no RH 008. A maioria dessas dispensas está sendo sustada por liminares, naquilo que é o resultado combinado da reação dos

empregados, da ação das entidades sindicais e associativas e de uma interpretação quase unânime das varas trabalhistas.

Até mesmo antigos parceiros revelam a má administração na empresa. A GTech, que trabalha com a Caixa desde 1997 a partir de contratos extremamente generosos, publicou anúncio na imprensa nacional para reclamar da mudança promovida pela empresa nos serviços de inteligência lotérica.



Augusto Coelho

Combate à fome e fomento à política de emprego: missão da Caixa



Conecef aprovou acordo da Fenaban como parâmetro para a Caixa

Qual será o destino reservado à Caixa?

Diante desse cenário de turbulência, como resultado do desastre das últimas gestões que sacudiram a empresa como um trem descarilhado, fica a indagação: para onde vai a Caixa Econômica Federal? Na avaliação do governador eleito do Piauí, Wellington Dias, que também é empregado da Caixa, os graves problemas não serão resolvidos da noite para o dia, até porque são muitos. Ele cita como um dos maiores a cultura impregnada no corpo funcional de que banco bom é o que dá lucro. "A solução será encontrada de forma gradativa, com vontade política e diálogo, bem como com participação do governo, empresa e parcela da população a favor de quem a Caixa atua". Wellington Dias acredita ainda que a viabilização de fontes de recursos para aplicação a longo prazo e o Fundo Nacional de Moradia podem servir de ferramentas para reverter o processo de descaracterização pelo qual a Caixa vem passando nos últimos anos.

Uma das saídas apontadas pelo presidente da Fenae, Carlos Borges, é o estabelecimento de novas relações entre dirigentes e trabalhadores ou entre capital e tra-

balho, como parte do parâmetro de que o processo contínuo de aproveitamento e qualificação pessoal deve estar presente na gestão democrática da Caixa. Para Borges, a partir de primeiro de janeiro de 2003, o trabalho de reengenharia da empresa deve ter como foco a valorização do capital intelectual e a responsabilidade social, com a definição de políticas que contemplem as dimensões do ambiente de trabalho (jornada, ritmo e ergonomia), realização profissional e remuneração justa, gerando assim uma consistência orgânica eficiente.

É fato que, no governo do presidente Lula, o ato de redirecionar a atuação da Caixa passa pelo resgate de sua missão, que consiste na "melhoria contínua da qualidade de vida da sociedade, intermediando recursos e negócios financeiros de qualquer natureza, atuando prioritamente no fomento ao desenvolvimento urbano e nos segmentos de habitação, saneamento e infra-estrutura e na administração de fundos, programas e serviços de caráter social".

Para o novo governador do Piauí, a Caixa no governo Lula

A Caixa está no epicentro do desenvolvimento urbano do país. Capacidade de crédito precisa ser resgatada

deve ser democrática, transparente e atuar como banco múltiplo com função social. Carlos Borges compartilha dessa opinião e defende a tese de que a empresa se volte exclusivamente para a diminuição do déficit habitacional no país, para o financiamento ao saneamento básico e à infra-estrutura urbana, contribuindo assim decisivamente com o projeto de combate à fome e com a política de geração de empregos. O presidente da Fenae esclarece: "A Caixa tem que usar seu braço financeiro, que é o banco comercial, para ir ao mercado captar os recursos que serão aplicados em benefício da sociedade, através de moradias populares, saneamento básico, infra-estrutura urbana, melhoria na saúde e financiamento de construção de penitenciárias como instrumento de ressocialização do indivíduo, contribuindo assim para a diminuição da violência. Cabe ainda à Caixa atuar como agente fomentador do crédito, de modo a alavancar o crescimento socioeconômico do país, especialmente dos pequenos municípios".

E chegada a hora do Brasil retomar o rumo do crescimento e do desenvolvimento social, com distribuição de renda. A Caixa está no epicen-

tro do desenvolvimento urbano no Brasil. A capacidade de crédito da empresa precisa ser retomada, de modo a que seu papel no cenário econômico e social - de fomento nas áreas de habitação, saneamento e infra-estrutura - seja devidamente restabelecido. Se agir em torno dessa lógica, o governo Lula estará mostrando ao conjunto da sociedade que uma outra Caixa é possível.

Crédito para crescimento

■ Fernando Nogueira

A evolução real do crédito, em todo o governo FHC, foi medíocre. Com a reestruturação patrimonial dos bancos públicos federais, em maio de 2001, o saldo de empréstimos caiu em termos nominais. Esses bancos não recuperaram suas participações no mercado de crédito, desde então. Parte dos recursos direcionados a setores prioritários foi assumida como "esqueletos".

O fato é que a relação entre o estoque de crédito bancário e o PIB, no Brasil, encontra-se entre as piores, considerando os Estados Unidos (160%), Japão (143%), Europa (130%), países asiáticos emergentes (73%), Europa emergente (51%), América Latina (39%), Chile (60%). A do Brasil é 26,3%.

O financiamento ao setor habitacional está estagnado, desde a reestruturação patrimonial da CEF. O crédito ao setor rural através do BB tem um desempenho sofrível. O BNDES é o único a apresentar um forte crescimento em suas operações de crédito, destacando-se seu papel no financiamento às exportações face à escassez das linhas comerciais dos bancos.



A participação média do BB e da CEF, no mercado de crédito, entre 1993 e 1999, foi de 40,4%. Em junho de 2002, um ano após a reestruturação patrimonial, detinham apenas 21,4% do total de operações de crédito. Em compensação, trocaram os "ativos podres" por títulos da dívida pública, passando a carregar em suas carteiras próprias 34,2% do total em posse do setor bancário. Os quatro maiores bancos privados nacionais detinham praticamente a mesma parcela de operações de crédito que os quatro maiores públicos detinham: cerca de 30%.

A relação entre a carteira de títulos e a carteira de empréstimos dos maiores bancos públicos (exceto BNDES) é muito superior do que a da média do sistema

bancário. O único privado que tem a mesma característica é o Banespa, desde a renegociação da sua dívida junto ao estado de São Paulo. Os bancos "carregadores" de títulos de dívida pública estão obtendo uma receita com títulos muito superior do que a com operações de crédito. Estão também conseguindo obter maior eficiência, rentabilidade patrimonial e cobertura de despesas de pessoal com receitas de serviços. Devido à reestruturação patrimonial, os bancos públicos federais passaram a ter bom desempenho micro-financeiro, mas mantém o mal desempenho macro-social.

A disponibilidade de grande rede de agências e de "clientela cativa" por parte do BB e da CEF lhes permite captar cerca de 37,9% do total de depósitos do sistema. O BB capta 30,7% dos depósitos à vista, a CEF; 31,7% dos depósitos de poupança, ambos somam 30,1% dos depósitos a prazo. Essas participações no mercado de depósitos propiciam-lhes desfrutar do recente aumento da captação via esses haveres financeiros, devido à fuga dos fundos.

Há, então, a possibilidade de geração do *funding* necessário para embasar a concessão de crédito agrícola e imobiliário. Essa será a chave do crescimento.

Fernando Nogueira da Costa
Economista

O caráter público da biblioteca no Brasil

Criada em 1810, a Biblioteca Nacional tem o maior acervo da América Latina e o oitavo do mundo e, muitas vezes, atua como centro cultural

Meca do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil, a Biblioteca Nacional foi criada em 29 de outubro de 1810 por dom João VI (rei de Portugal) e, desde então, fomenta com sucesso a tradição de preservar a memória captada em livros, folhetos, periódicos, fotografias, manuscritos avulsos, peças iconográficas, cartas geográficas, partituras musicais, discos, cds, fitas cassetes e vídeos de autores nacionais e estrangeiros. O suporte físico concebido para abrigar acervo multidisciplinar de relevante importância literária e política, avaliado em nove milhões de peças, é um prédio no qual se misturam elementos neo-clássicos e de art nouveau, no Rio de Janeiro.

A biblioteca dos reis de Portugal, destruída por um terremoto que arrasou Lisboa em 1755, foi o embrião da Biblioteca Nacional. No início, apesar do ano de 1810 constar como data oficial de sua fundação, a Real Biblioteca foi acomodada nas salas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo tão logo a coroa portuguesa se estabeleceu no país, em 1808. Na época, o acesso a seu acervo geral era restrito



a estudiosos mediante prévia autorização régia. Foi apenas a partir de 1814, seguindo tendência verificada em países liberais da Europa, que a biblioteca assumiu a primazia de seu caráter público, sendo que em 1822 passou a denominar-se Biblioteca Imperial e Pública da Corte. A pedra

angular do novo prédio onde hoje funciona a Biblioteca Nacional foi inaugurada em 29 de outubro de 1910 e, desde então, compõe com o Teatro Municipal e o Museu de Belas Artes a veia cultural e arquitetônica mais imponente do cenário carioca da praça da Cinelândia.

Raridades fazem parte do acervo

Em outubro passado, a Biblioteca Nacional completou 192 anos de existência. Visitá-la constitui uma autêntica maratona. Não só por abrigar o maior acervo da América Latina e o oitavo do mundo, mas principalmente por oferecer relíquias da literatura francesa, a "Bíblia de Mogúncia" (1462 - um dos primeiros livros impressos do mundo), o "Evangeliário" (séculos XI-XII), a "Gramática de João de Barros" (a primeira da Língua Portuguesa e única existente no mundo - datada de 1539), fotografias doadas por dom Pedro II, um "Livro das Horas" (século XV), a primeira edição de "Os Lusíadas" de Luís Camões (1572), uma partitura de Mozart, a partitura original da ópera "O Guarani" de Carlos Gomes (1870), manuscritos e desenhos originais de expedições científicas ao Brasil (séculos XVI a XIX)

e gravuras de Albrecht Dürer, Emílio Goeldi, Piranesi, Volpi etc. Da escola literária brasileira pode-se apreciar autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Arthur Azevedo, José de Alencar e Martins Pena, além de livros de poesia, peças teatrais e obras não-ficcionais. Entre as raridades estão ainda a coleção Tereza Christina Maria, doada por dom Pedro II, a coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, o arquivo da Casa dos Contos, o poema "A Prosopopéia" (Bento Teixeira), o primeiro número dos "Anais da Biblioteca Nacional" (1876), as duas primeiras edições da carta de Pêro Vaz de Caminha, a carta da Lei Áurea, o primeiro mapa no qual o Brasil aparece como América Brasillis (1562), manuscritos medievais, a edição de luxo do livro de Gaspar Barlaeu (1647) sobre a guerra holandesa, com 55 es-

tampas gravadas em cobre por Frans Post e coloridas por artistas da época e o menor livro do mundo (um centímetro de comprimento), contendo a oração do 'Pai Nosso' em sete línguas.

No decorrer dos últimos séculos, o acervo da Biblioteca Nacional foi adquirido em leilões, coleções particulares de obras raras, doações, aquisições via contribuição legal, incorporação de cópias de documentos originais dos arquivos de tradicionais bibliotecas europeias e em centros livreiros de várias partes do mundo. E fato também que, até a Independência, esse acervo foi acrescido com 'propinas'. 'Propinas', neste caso, significa envio - por determinação real - de um exemplar de cada material impresso nas oficinas tipográficas de Portugal e na Impressão Régia, que na época estava instalada no Rio de Janeiro.

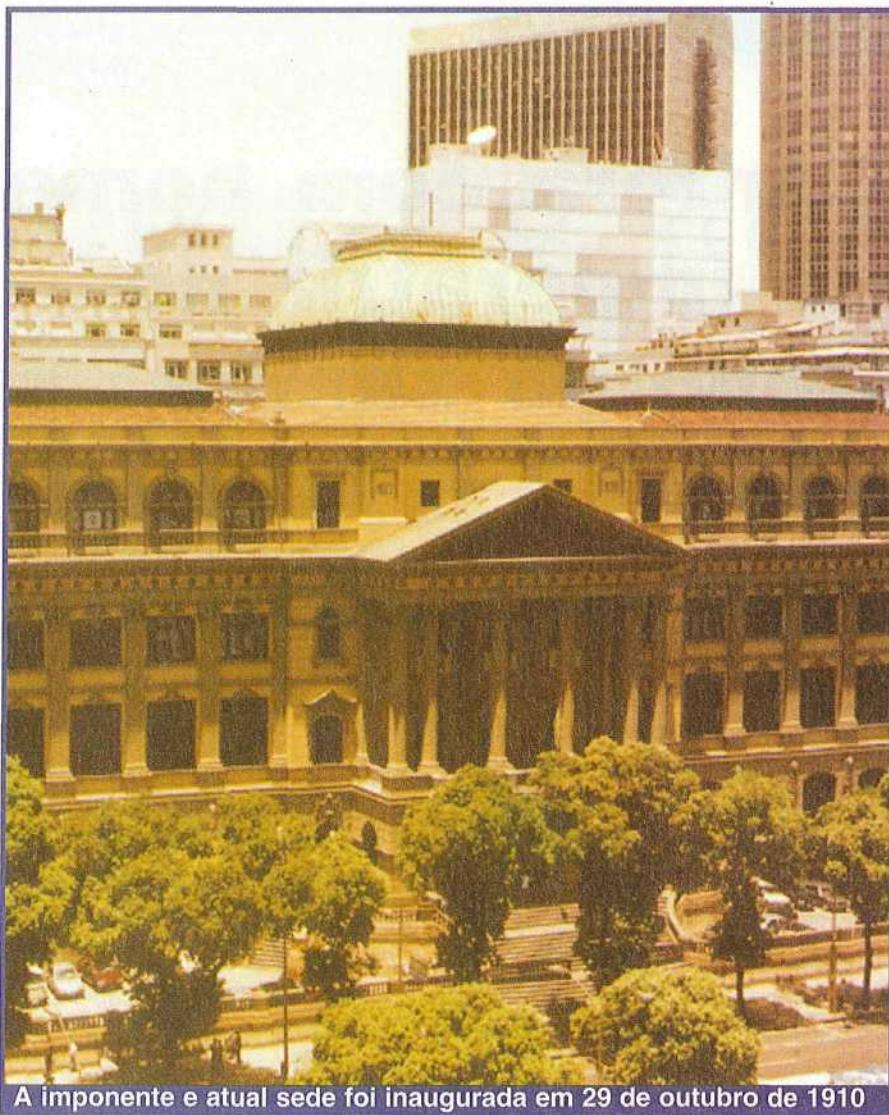
Multidisciplinar, acervo contém preciosidades como a "Bíblia de Mogúncia", um dos primeiros livros do mundo



Perfil muda ao incorporar atividades

Do ponto de vista do desenvolvimento de normas de catalogação e preservação documental, o século XX foi um marco para a Biblioteca Nacional. Logo em 1902, a aquisição da primeira máquina de escrever trouxe mudanças substanciais ao processo de trabalho até então utilizado. De lá para cá, novas descobertas revolucionaram o perfil da Biblioteca. A primeira escola de Biblioteconomia da América Latina data de 1911. O atual edifício-sede, com pisos de vidro nos armazéns, armações e estantes de aço para 400 mil volumes, amplos salões e tubos pneumáticos para o transporte de livros dos armazéns para o salão de leitura, foi concebido para ser um local dinâmico. Tanto que possui característica de centro cultural e, em decorrência disso, já serviu de palco para o Salão de Leitura, Câmara dos Deputados no período do Centenário da Independência e velório do corpo do acadêmico Rui Barbosa.

Divulgação



A imponente e atual sede foi inaugurada em 29 de outubro de 1910

Ainda como parte de suas atividades, a Biblioteca Nacional atua como representante brasileiro do ISBN (International Standard Book Number), buscando com isso orientar e proteger os autores de obras intelectuais. Para isso foi criado o Escritório de Direitos Autorais. Surgiu recentemente o projeto Marcus Venício Toledo Ribeiro, com atribuição de promover o autor e o livro nacionais no Brasil e no exterior.

Desde o ano passado, a Biblioteca Nacional vem passando por um processo acelerado de revitalização. A pedra angular desse trabalho é o projeto "Biblioteca Nacional Sem Fronteiras", com vistas a franquear ao gran-

de público o acervo de nove milhões de documentos via internet, acessível pelo endereço eletrônico www.bn.br. A digitalização de todo esse material teve um custo de R\$ 4 milhões. Temas associados a música (erudita, popular e de diferentes estilos de época), teatro, cinema e história em quadrinhos também compõem algumas das coleções mais consultadas. Surgidas este ano, as oficinas de criatividade batizadas de "Bibliosábados" ocorrem em todos os finais de

semana e são uma espécie de 'xodó' da garotada e de seus pais, despertando-lhes o interesse pelo mundo da leitura.

A Biblioteca Nacional passa por processo acelerado de revitalização, com prioridade para a internet

A biblioteca é pública e seus recursos provêm, sobretudo, do Ministério da Cultura. Uma das prioridades é o intercâmbio com bibliotecas do mundo inteiro. Cabe à Fundação Biblioteca Nacional apoiar uma política do livro, da biblioteca e da leitura, visando estimular o desenvolvimento de atividades de catalogação e preservação documental no Brasil.

Cantora com nome de imperatriz no trono do samba

■ Tárík de Souza

Num ano em que o chamado pagode de boutique sumiu na poeira (embora alguns de seus integrantes ainda figurem nas paradas, alguns cantando outros gêneros), o samba de raiz se renova. Conhecida nas rodas da boemia restaurada do centro do Rio (Lapa, Carioca e adjacências), a cantora Teresa Cristina (Macedo Gomes) de 34 anos, carioca de Bonsucesso, criada na Vila da Penha, estreou de forma arrasadora. Ao lado do também jovem Grupo Semente, que costuma acompanhá-la, lançou o CD duplo "A música de Paulinho da Viola" (Deck Disc). Para surpresa da própria gravadora, as primeiras 3.500 cópias (o dobro de unidades, já que o disco é duplo) esgotaram-se imediatamente e foi preciso fazer uma nova tiragem. A ex-manicure, auxiliar de escritório, vendedora de margarina e vistoriadora do Detran contou com a participação em algumas das 28 faixas da Velha Guarda da Portela, do conjunto Época de Ouro, do principal parceiro do homenageado, Elton Medeiros e do próprio Paulinho da Viola, que dividiu com ela a faixa "Depois de tanto amor".

Teresa Cristina teve um início musical quase casual, como secretária do Diretório Central de Estudantes da UERJ, onde ajudou a implantar a rádio comunitária. Participou de um projeto tipo incubadora de autores, "A Cria", em 1997 no Planetário do bairro da Gávea e foi "adotada" pela Velha Guarda da Portela, de quem se tornou adepta num show no teatro de Arena. Participou até de um show da venerável dupla da azul-e-branco Argemiro Patrocínio e Jair do Cavaquinho, cujos discos foram produzidos por Marisa Monte. Teresa substituiu um portelense como atração do bar Semente, em frente ao cartão postal carioca dos Arcos da Lapa, e além de suas músicas começou a garimpar o repertório de antigos sambistas. Ao ser convidada para gravar a obra de Paulinho não hesitou. E o resultado surpreende pela segurança da iniciante e a maneira decidida com que ela singra a obra de Paulinho da Viola, um sambista com formação de chorão. Os choros, aliás, entram na seção instrumental levada pelo grupo Semente em "Inesquecível" e "Choro negro". Ela também passa o microfone -

o vocal é do pandeirista do grupo João Miranda - no enclave das faixas "Conversa de malandro" e "Responsabilidades", compostas por Paulinho para o sambista Zé Cruz no tempo em que ambos integravam o grupo A Voz do Morro.

Teresa incluiu ainda duas composições de outros autores que ela considerou expropriadas pela interpretação de Paulinho: "Sentimentos", do portelense Miginha e a definidora "Meu mundo é hoje (eu sou assim)" de Wilson Batista. Tantos nestas como em outras mais conhecidas de Paulinho como "Coisas do mundo, minha nega", "Foi um rio que passou em minha vida", "No pagode do Vavá", "Pecado capital", "Para ver as meninas", "Argumento", a cantora está impecável com seu fraseado direto, sem firulas, realçando o lirismo das letras e melodias do Príncipe do Samba. Batizada com nome da imperatriz que foi casada com D. Pedro II, ela se filia à nobreza do ritmo e suas ramificações. Tanto na interpretação maliciosa de "Mais que a lei da gravidade" (parceria de Paulinho com Capinam) como na guinada para o maxixe de "Coração imprudente" ou na linha calangueada de "Moemá morenou". Nem precisa perguntar, como fazia o velho Chacrinha, se ela vai para o trono. No do samba ela já está.

Tárík de Souza
Jornalista

Lista contra o fim

Nova relação de espécies ameaçadas de extinção, a cargo do Ibama, corrige defasagem de 13 anos e passa a incluir peixes

O Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) se preparava para lançar, neste dia nove de dezembro, uma nova lista de espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção. A relação atual, com mais de 200 espécies animais e mais de 100 vegetais, existe desde 1988 e está defasada, tanto no tempo quanto em abrangência. Um exemplo é que os peixes passarão a fazer parte da lista apenas a partir desta renovação. Há ainda novas espécies que, em que pese estarem sendo descobertas apenas agora, especialmente na Mata Atlântica, já surgem ameaçadas.

"Uma relação de espécies ameaçadas é um importante instrumento de política ambiental", avalia José de Anchieta dos Santos, diretor de Fauna e Recursos Pesqueiros do Ibama. Ele aponta que as informações da lista baseiam o estabelecimento de prioridades para a aplicação de recursos técnicos, científicos, humanos e financeiros. Além disso, os animais presentes na lista são os alvos preferenciais de programas e acordos feitos pelo governo federal com organismos nacionais e interna-

cionais, com o objetivo de recuperar espécies ameaçadas.

São vários os critérios que levam animais e plantas à ameaça de extinção. A presença na lista depende do tamanho da população e da diversidade genética, principalmente. Ou seja, mesmo espécies com população numerosa podem estar sob ameaça caso todos os indivíduos sejam parentes, inviabilizando a perpetuação. A situação de preservação de seu habitat também é levada em conta, bem como a degradação ambiental, presente no desmatamento, assoreamento de rios, poluição, incêndios. A contribuição do homem para a extinção de espécies é vista

ainda na caça para a subsistência, no contrabando de madeiras e na captura para o tráfico de animais silvestres.

A exuberância da natureza brasileira, neste caso, é especialmente danosa para o país, um verdadeiro "supermercado" de animais exóticos e plantas de interesse científico. O portal de informações ambientais Ambiente Brasil estima que apenas o comércio ilegal da fauna brasileira movimente por ano US\$ 900 milhões.

O comércio ilegal de espécies animais no Brasil pode atingir até US\$ 900 milhões por ano

Augusto Coelho



Esforço da sociedade pode reverter ameaças

O Ibama, que lidera as ações governamentais nesta área, aposta na soma de pesquisa, recursos e dedicação de pesquisadores, participantes de organizações ambientais, voluntários e da comunidade para a preservação de espécies e a reversão de alguns processos de extinção. O instituto comemora especialmente quatro casos.

O primeiro é da tartaruga-da-Amazônia. A espécie saiu da relação de animais ameaçados e hoje existe até mesmo produção excedente para abastecer o mercado legal de carne. A arara-azul-do-Pantanal ainda está na lista de ameaçadas, mas foi feito um trabalho de conscientização dos fazendeiros para evitar a caça predatória, o que resultou inclusive na atração de investimentos ex-

ternos para a preservação.

O litoral do Nordeste abriga os outros dois casos. O Centro Mamíferos Aquáticos, em Itamaracá (PE), resgata e recupera exemplares de peixe-boi-marinho. A caça ao peixe-boi foi eliminada e os animais recuperados estão sendo recolocados no meio ambiente, para repovoar a costa e aumentar a população, estimada em 400 animais. A baleia jubarte, por sua vez, já pode voltar a se reproduzir, 40 anos depois do decreto que pôs fim à caça.

Para o Ibama, a renovação da lista de animais e plantas ameaçados de extinção servirá para que novos bons exemplos surjam na tarefa de defender o patrimônio natural do Brasil. Com o estabe-

lecimento de prioridades de proteção e conservação, o instituto espera combater a exploração desordenada. Macacos-aranha, saguis, micos-leão, lobos-guará, sussuaranas ou onças-pardas, gatos-do-mato, jaguatiricas, lontras,

onças-pintada, ariranhas, tamanduás-bandeira, tatus-bola, peixes-boi, baleias-franca, jubartes, cervos-do-pantanal, veados-campeiro, gaviões-reais, jacutingas, araras-azuis, ararajubas, tietês-de-co-roa, jacarés-de-papo-amarelo, palmas,

bromélias, pinheiros-do-paraná, castanheiras-do-brasil, sucupiras, paus-brasil, jequitibás, jacarandás-da-bahia, arnicas, imbuías, mognos, cerejeiras e outros animais e plantas ameaçados agradecem.

Preservação da fauna e da flora depende de pesquisas, recursos e dedicação dos profissionais



Brasil ratifica convenção do comércio de espécies

Recentemente, o Brasil esteve no centro de uma polêmica sobre o comércio de uma espécie vegetal, o mogno. Em novembro, no Chile, na mais recente reunião da Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies da Fauna e da Flora Ameaçadas de Extinção (Cites, em inglês), os participantes decidiram que o mogno deveria ter maior grau de proteção, apesar da posição contrária de parte da delegação brasileira.

A Cites existe desde 1975, ano em que o Brasil tornou-se signatário. A convenção, assinada entre governos, define regras de comércio de espécies ameaçadas. No mundo, estão sob ameaça perto de 5.000 espécies animais e 25 mil espécies vegetais.



Instituições credenciadas elaboram a lista

Os critérios adotados pelo Brasil para a elaboração da lista de espécies ameaçadas são baseados na União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês). A nova lista trará a nova classificação proposta pela entidade: extinto, extinto na natureza, em perigo crítico, vulnerável, dependente de conservação e baixo risco.

O Ibama é o órgão responsável pela elaboração da relação no país. Mas o documento é elaborado por um grupo de organizações credenciadas. Os responsáveis são a organização Terra Brasilis, a Conservation International do Brasil, universidades, a Sociedade Brasileira de Zoologia e a Fundação Biodiversitas.

Todas essas entidades têm um ação reconhecida na proteção de espécies ameaçadas. A Fundação Biodiversitas, por exemplo, divulga as listas de espécies ameaçadas desde 1990, com a edição de "Fauna brasileira ameaçada de extinção". A fundação, que administra duas áreas legalmente protegidas no Brasil, publicou ainda um roteiro metodológico para elaborar listas de espécies ameaçadas e atua na educação e planejamento ambiental.

Segundo o Ibama, "o relacionamento com essas e outras entidades ambientais é quase sempre antagônico, mas é desse conflito que surgem soluções que beneficiam a natureza".



A música da tradição

Califórnia da Canção Nativa, realizada desde 1971 em Uruguaiana (RS), leva o tradicionalismo gaúcho à música e inspirou outros festivais

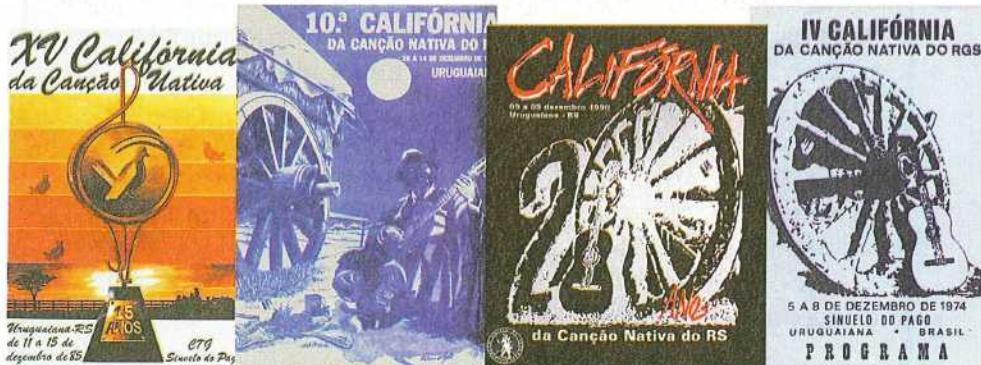


Num tempo em que a música tradicional do Rio Grande do Sul estava relegada a horários inóspitos nas emissoras de rádio, um grupo de pessoas resolveu montar um festival de música regionalista. Nascia, em dezembro de 1971, a Califórnia da Canção Nativa, em Uruguaiana, extremo leste do estado. O evento está em sua 31ª edição, cuja final está prevista para o segundo final de semana de dezembro, e motivou a criação de centenas de festivais semelhantes em todo o Rio Grande.

"A Califórnia surgiu para resgatar e divulgar os valores da música regional gaúcha",

conta Edson Otto, que esteve na primeira edição e lembra que, na primeira noite, pouco mais de 50 pessoas se dispuseram a acompanhar a apresentação das músicas do festival. Porém, já na primeira edição a Califórnia fez sucesso, pois a noite final reuniu mais de 800 pessoas.

O promotor aposentado Henrique Dias de Freitas Lima, presidente da Califórnia nas três primeiras edições, completa que o movimento tradicionalista gaúcho, em crescimento na época, criou "um ambiente propício ao surgimento de uma nova vitrine para que todos os compositores de música gaúcha tivessem a oportunidade de exibir seu trabalho". Para Edson Otto, "a música gaúcha se divide entre o tempo antes e depois da Califórnia".





Nome tem raiz grega e vários significados

Califórnia vem do grego e significa "conjunto de coisas belas". No Rio Grande do Sul, o primeiro uso do nome ocorreu em guerras coloniais, para designar as incursões de Chico Pedra na província Cisplatina, atual Uruguai. Em seguida, o nome foi apropriado para as corridas de cavalos com prêmios em disputa. Os concorrentes da Califórnia, que é organizada pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Pago, disputam a Calhandra de Ouro. A calhandra é um pássaro que imita o canto de outras espécies.

Por sua importância e pioneirismo, a Califórnia é considerada o embrião de vários outros festivais semelhantes que acontecem. Entre os mais destacados, estão a Coxilha Nativista (Cruz Alta), Ciranda Musical (Taquara), Tertúlia (Santa Maria), Musicanto (Santa Rosa), Carijó da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), Reponte da Canção Crioula (São Lourenço do Sul), Moenda da Canção (Santo Antônio da Patrulha). São mais de 50 por ano.

Mas não só de música vive o festival de Uruguiana. Segundo Otto, que recolhe material para um livro sobre a Califórnia, "os participantes debatem assuntos da cultura do Rio Grande, inclusive em programações paralelas". Nas primeiras edições, segundo lembra Freitas Lima, esse programa se materializava nas tertúlias, reuniões informais dos participantes do festival em suas barracas, na chamada cidade de lona, que abrigava os músicos.

Festivais refletem movimento gauchesco

A Califórnia e seus similares são o aspecto musical do movimento regionalista gaúcho, que ganhou força a partir da segunda metade do século XX. "O tradicionalismo busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultural, vivenciar e preservar o patrimônio sociocultural do povo gaúcho", diz Maria Izabel de Moura, do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O movimento se organiza no estado através das regiões tradicionalistas e tem entidades como os centros de tradições gaúchas (CTG), presentes em 20 estados brasileiros e no exterior.

Centros de tradições gaúchas no Brasil e no mundo

Amazonas.....	1
Bahia.....	2
Ceará.....	1
Distrito Federal.....	4
Espírito Santo.....	1
Goiás.....	5
Mato Grosso.....	38
Mato Grosso do Sul.....	15
Minas Gerais.....	7
Pará.....	1
Paraná.....	93
Pernambuco.....	1
Rio Grande do Norte.....	1
Rio Grande do Sul.....	359
Rio de Janeiro.....	5
Rondônia.....	1
Roraima.....	1
Santa Catarina.....	94
São Paulo.....	16
Tocantins.....	1
Estados Unidos.....	3
Paraguai.....	1
Portugal.....	1
Total.....	652

Fonte: Movimento Tradicionalista Gaúcho

O movimento tem carta de princípios, na qual se expressam valores como o bem coletivo, preservação da história e do patrimônio social, como o dialeto gaúcho, a vestimenta típica e a culinária além de ideais como a fraternidade, tolerância e a união dos povos americanos.

A força do movimento pode ser vista na existência de centros de tradições até nos Estados Unidos, Portugal e Paraguai. No Brasil, a imigração gaúcha em busca de novas fronteiras agrícolas levou os centros para todas as regiões. É no CTG que os gaúchos tradicionalistas se reúnem para cantar as músicas tradicionais, dançar os ritmos típicos, discutir a cultura sul-rio-grandense e comer o inigualável churrasco, de preferência no fogo de chão.

Vida por esp

Todos os dias, em todo o mundo, centenas de milhões de pessoas praticam algum dos incontáveis esportes reconhecidos existentes. O Comitê Olímpico Internacional (COI) define uma série de condições para que um esporte seja admitido no programa olímpico e também reconhece uma série de federações esportivas internacionais. A definição do COI, no entanto, não abraça muitas modalidades esportivas praticadas em todo o mundo.

Os pesquisadores Antônio Roberto Rocha Santos e Antônio Roazzi, da UPE (Universidade de Pernambuco), apontam que "o esporte não existe mais somente no singular, mas no plural, haja vista as diversas manifestações desta prática em nossa socieda-

de". Os professores se referem à clara separação entre a competição esportiva e os esportes para o tempo livre e lazer, nas escolas e ainda para segmentos da sociedade como a terceira idade, obesos, cardíacos e portadores de deficiência. Afinal, qualquer uma dessas situações pode se enquadrar nas definições sobre o que seja esporte.

No Brasil, por exemplo, cabe ao Conselho Nacional do Esporte reconhecer, através de portarias, novas modalidades esportivas. É o caso, entre outros, da capoeira e do tênis de mesa, esportes com a marca do Brasil. Mas disputas como damas e xadrez, também são esportes para a comunidade esportiva mundial, numa lista tão extensa quanto, por vezes, inusitada.

Quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Verão

País	Ouro	Prata	Bronze
1 - Estados Unidos	853	646	569
2 - Rússia (inclui União Soviética)	395	318	297
3 - Grã-Bretanha	183	232	228
4 - França	174	188	200
5 - Itália	172	138	154
6 - Alemanha (inclui Alemanha Ocidental)	162	184	188
7 - Alemanha Oriental	154	129	127
8 - Hungria	148	128	156
9 - Suécia	139	154	170
10 - Austrália	104	110	139
38 - Brasil	12	19	35

orte

Brasil tem três esportes na fila de admissão

Ainda assim, nem toda modalidade esportiva é reconhecida como esporte, ao menos pelo Comitê Olímpico Internacional. E mesmo nem todos os esportes reconhecidos têm seu lugar nos Jogos Olímpicos. A assessoria do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) informa que "para um esporte ser admitido no programa olímpico deve ser praticado no mínimo em 75 países de quatro continentes, no masculino, e 40 países de três continentes, no feminino".

O Brasil, por exemplo, tem três esportes na fila do reconhecimento: capoeira, futsal e a variante nacional do jiu-jitsu. Depois de sua admissão como esporte, também são necessários sete anos de antecedência para que a federação internacional pleiteie sua inclusão nos Jogos.

Assim, modalidades como o rúgbi e o golfe são olímpicas mas não estão nos Jogos. Um dos motivos para isso, segundo o COB, é que o movimento olímpico internacional teme o inchaço dos Jogos

Olímpicos, o que acarretaria problemas nos custos de organização e construção de sedes e estádios.

Primeiros esportes imitavam vida cotidiana

Caça, pesca e outras modalidades que hoje são consideradas como esportes repetem atividades que eram essenciais à sobrevivência humana. Um novo salto foi dado na Grécia antiga, em que o culto à beleza física provocou o surgimento de outros esportes e até mesmo da primeira versão dos Jogos Olímpicos. Já o apogeu do mundo romano fez nascer esportes que refletiam aspectos militares. A Idade Média introduziu práticas ligadas à equitação e lutas com armas.

Apenas no século XIX o esporte começou a tomar a forma atual, com a criação de associações esportivas na Europa, que culminaram com os primeiros Jogos Olímpicos da nova era, em Atenas, no ano de 1896. O objetivo olímpico era, então, a valorização da cultura física da pessoa.

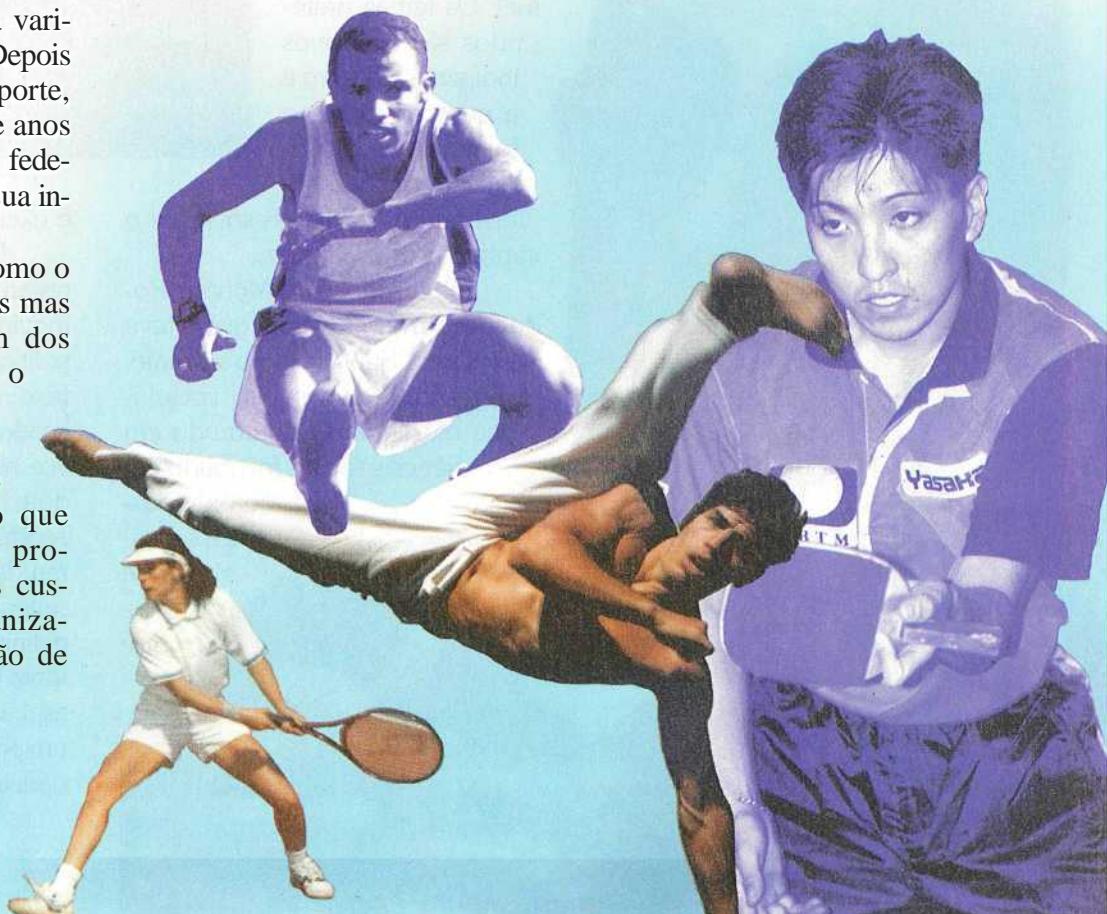
Criação de associações esportivas na Europa foi o embrião dos Jogos Olímpicos da era moderna

Já no século XX, na visão de Antônio Roberto Rocha Santos e Antônio Roazzi, "a excessiva importância dada à vitória na prática esportiva, principalmente a partir da segunda metade deste século, provocou profundas mudanças nas atividades esportivas, que passaram a ferir, em certos

momentos, os objetivos estabelecidos quando da criação do esporte moderno". Os pesquisadores creditam essa mentalidade à "profissionalização do esporte e aos interesses econômicos dos patrocinadores de

atletas e eventos esportivos".

No entanto, o espírito original do esporte, de aprimoramento da pessoa, permanece vivo em cada campo, quadra, ginásio ou sala em que pessoas se reúnem para celebrar algum exercício físico.



Um intelectual à frente de seu tempo

Da mãe, analfabeta e de origem camponesa, ele herdou o caráter independente e rebelde. Coube a essa figura legendaria das ciências sociais do Brasil romper o cerco imposto por uma tradição excludente e conservadora. O engraxate, o balconista e vendedor, o arrimo de família, o professor de sociologia da USP, a paixão juvenil pelo trotskismo, o intelectual marxista mais respeitado do país, a militância no PT e o mandato de deputado federal por

duas legislaturas consecutivas são alguns pontos da vida e luta de Florestan Fernandes, cuja trajetória se confunde com o roteiro de um romance épico.

Alguns dos principais acontecimentos marcantes deste século, no Brasil e no mundo, contaram com a presença de Florestan Fernandes. Seu percurso começa em São Paulo, onde nasceu, no dia 22 de julho de 1920. Passa por um novo estilo de pensamento como professor de sociologia e deságua no Congresso Nacional, entre 1987 e 1995. A originalidade é a marca de sua produção intelectual. Os temas preferidos são os povos indígenas, o negro e a questão racial, o folclore, a dependência e o subdesenvolvimento, as classes sociais e o capitalismo tupiniquim.

Foi casado com Myriam Rodrigues Fernandes, com quem teve seis filhos. Sua vida, no entanto, foi dedicada à pesquisa sociológica brasileira. O doutorado em ciências sociais foi obtido em

1951, quando passou a ser assistente catedrático

em sociologia, livre docente e professor titular na cadeira de sociologia, substituindo o sociólogo e professor francês Roger Bastide em caráter interino até 1964, ano em que se efetivou na cátedra.

Com mais de 50 obras publicadas, o livro "A Revolução Burguesa no Brasil" marcou significativamente a sua carreira de sociólogo. Na obra, Florestan Fernandes oferece uma sólida explicação para o processo de modernização e constituição do capitalismo no Brasil, apontando o caráter retardatário do capitalismo brasileiro, a fragilidade da burguesia nacional e sua recorrência constante ao Estado. Uma revolução burguesa que, de acordo com ele, concilia pelo alto

e exclui a classe trabalhadora.

Decisivamente, o nome de Florestan Fernandes está associado aos movimentos sociais e às organizações políticas de esquerda. Para ele, o centro dinâmico das transformações está ligado à revolução proletária. Essa voz autêntica da luta dos trabalhadores no Brasil morreu em 10 de agosto de 1995, em São Paulo, vítima da presença de bolhas de ar no sangue. E continua sendo, conforme definição cunhada pelo professor Antônio Cândido, "modelo para quem aspira a uma sociedade onde cada um possa realizar a sua dimensão verdadeiramente humana".

A trajetória do professor Florestan Fernandes se confunde com o roteiro de um romance épico



DEPOIS DESSAS
ÚLTIMAS ELEIÇÕES, VAMOS
TER DE AUMENTAR A ÁREA
DOS DINOSSAUROS
DO MUSEU!...





Quando pensar em seguros, lembre-se: estamos aqui

Há mais de 29 anos a FENAE Corretora desenvolve produtos em todos os ramos de seguros, com seriedade e competência, proporcionando soluções para proteção do patrimônio e vida de seus clientes, tendo como princípio básico agir sempre com respeito e profissionalismo. Por isso, quando precisar de assessoria em seguros, conte sempre com a FENAE Corretora de Seguros.

FENAE

CORRETORA DE SEGUROS

Visite nossa home page: www.fenaeseg.com.br

Central de Atendimento: 0800 224 472